

A poesia e os astros em Camões

Felipe de
Saavedra



A Telmo Verdelho, precursor e inspirador,
gratias tibi ago, amice dilecte.

aduerso sidere natus sum
Eu nasci sob uma má estrela.
Petrarca, *rerum familiarium* XXIV, 8

I – A astrologia e Camões

O momento da vinda de Luís de Camões (1525?-1580?) ao mundo não está entre os episódios biográficos do Poeta que têm recebido mais atenção por parte dos estudiosos. O tema ganhou algum foco com os trabalhos de Mário Saa, autor de *Memórias astrológicas de Luís de Camões*.

Mário Paes da Cunha e Sá (1893-1971), com o nome de pena Mário Saa (Martins 2011), propôs uma via para a identificação do dia natal de Camões na conjugação da poesia com a astrologia e com a astronomia. Para além destas três áreas que Saa privilegiou, o poeta caldense ocupou-se igualmente da arqueologia e da matemática, e cultivou *a filosofia, a genealogia, a história e a problemática camoniana* (Pereira 2010:7). Neste último campo, as suas investigações frutificaram em quatro publicações de cunho original:

- (1921) *Poemas heroicos de Simão Vaz de Camões* – Morujão levantou algumas restrições atendíveis à atribuição, que Saa propõe nesta obra, de umas estâncias *heroicas* ao poeta jesuíta Simão Vaz de Camões (1629-?), primo de Camões, creditando-as à poetisa clarissa soror Maria do Céu (1658-1753) (Morujão 2003). O debate ficou lançado.
- (1922) *Camões no Maranhão* – rio e povoação do município de Aviz, no Alentejo, onde se situa a Herdade de Camões, a Igreja de São Domingos de Camões, e outros topónimos que guardam relação com o ramo alentejano da família do Poeta.
- (1924) *Táboa genealógica da varonía Vaz de Camões por Mario Saa* – que derivou das pesquisas feitas sobre Simão Vaz de Camões, S. J.
- (1941) as já referidas *Memórias astrológicas de Luís de Camões* – com data impressa de 1940, mas cuja escrita se iniciou em 1938, sendo a obra publicada de facto em 1941 (Gomes 2013:101); com segunda edição póstuma em 1978 (cf. Gomes 2013:113 e vd., *i. a.*, Canoa 2025).

Carlota Simões, especialista em astrologia da Universidade de Coimbra, a quem se deve um estudo do levantamento do horóscopo da coroação de Dom Sebastião (Simões 2018), recuperou as teses de Saa respeitantes à data do

nascimento de Camões numa entrada do blogue *De rerum natura* (Simões 2007). Com outros investigadores daquela universidade em matérias conexas, recentemente *promoveram numa sessão, na Sala de São Pedro, onde se debateram as evidências bibliográficas da escolha do dia 23 de janeiro como o dia do nascimento do escritor* (Paniza 2024). As anunciadas *evidências* consistiriam no famoso soneto de Camões *O dia em que eu nasci moura e pereça*, conjugado com as tabelas astronómicas das ocorrências de eclipses solares no século XVI. Após esta sessão, Simões voltaria ao tema com ulteriores desenvolvimentos (Simões 2024a), tendo vindo a promover aquela proposta de datação em diversas sedes. A data foi entretanto celebrada no ano seguinte como autêntica, na mesma Universidade de Coimbra (Bartolomeu & Paniza 2025).

Conjugar a astrologia e a astronomia com o nascimento de Camões é uma proposta pertinente. Na mundividência cristã, o nascimento de um homem não se incluía nas matérias do foro eclesial, pois a verdadeira vida iniciava-se com o batismo. Infelizmente para a averiguação do dia natal de Camões, este sacramento não era ainda objeto de registos naquela época, como lamentou Faria e Sousa: *si quando el P. nació se usára el aver listas de Baptizados en las Iglesias, (que no se usava aun entonces, si yo no me engaño)...* (Camões 1685:¶v–VdP.7).

A Igreja esforçou-se por minimizar entre os fiéis a importância da entrada física no mundo, por diversas razões:

- as bíblicas, porque a natureza não-cristã dos festejos de aniversário deduz-se do facto de apenas serem mencionados o do Faraó (Génesis 40.20), o de Jeroboão II (?) (Oseias 7.5) e o de Herodes Antipas (Mateus 14.6; Marcos 6.21), sendo que nenhum deles foi modelo de vida cristã; a que se somam as maldições ao dia natal em *Jeremias* e em *Job*, como em seguida se detalhará.
- as teológicas, porque o nascimento de um homem é fruto direto do pecado.
- as históricas, porque foi somente a partir do século IV que a Igreja concedeu a inclusão de festejos de natividades no calendário litúrgico, e apenas nos dois casos em que os nascimentos se achavam isentos do pecado original, o de Jesus e o de Maria; a celebração do primeiro está documentada a partir de 336 em Roma a 25 de dezembro, e a do segundo foi iniciada na Igreja oriental e depois admitida em Roma no séc. VIII a 8 de setembro, a par das festas maiores da Paixão e da Dormição, a primeira móvel e a segunda a 15 de agosto; e ainda a de João Baptista, em 24 de junho, aceite também no séc. IV, cuja conceção fora maculada mas o nascimento santificado pela visita de Maria a sua prima Isabel, com a festa

do martírio em 29 de agosto, esta última celebrada em Roma desde o século VI; para todos os outros santos celebra-se o dia do nascimento para o Céu.

- e as sacramentais, pois, como já referido, o dia do baptismo era o do verdadeiro nascimento do cristão.

Por via do santoral, era proposta ao fiel a troca da celebração não-cristã do aniversário pela da festa do dia do santo patrono. Se a família de Camões tivesse seguido esta antiga tradição cristã, ele não teria celebrado aniversários e sim o dia do santo do nome, São Luís, cuja festa caía, no *Reportorio de los tiempos* de Jerónimo de Chaves, em 26 de agosto (Chaves 1554:cxxijr.), lapso que André do Avelar corrigiu para o dia 25 desse mês (Avelar 1590:[78]).

Por vezes também se fazia coincidir o dia do nascimento com o da festa do santo homónimo, como quando o futuro rei de Portugal, tendo nascido a 20 de janeiro de 1554, festa do mártir São Sebastião, recebeu este nome, passando então a festejar-se o Santo e o Rei no mesmo dia. Associação fortalecida pelas dedicatórias ao santo das cidades que o rei ia fundando, em 1565 – São Sebastião do Rio de Janeiro, ou das fortalezas que ia mandando erguer, todas elas crismadas *de São Sebastião*, 1558 – Ilha de Moçambique; 1567 – Castelo, no Rio de Janeiro; 1570 – Caparica, Portugal; c. 1572-75 – Angra, na Terceira, Açores; 1574 – Porto Novo, Terceira, Açores; 1575 – Ilha de São Tomé.

A julgar pelo baptismo real, poder-se-ia supor que Camões teria nascido a 25 de agosto, mas nada indica que o rei francês tenha estado na origem do seu prenome. São conhecidos homónimos coevos de Luís de Camões, e a ser-lhes aplicado este critério teriam nascido naquele mesmo dia demasiados moços da família Camões ampla. A escolha de *Luís* terá tido outra motivação, por exemplo a do prenome do padrinho de baptismo, outra tradição enraizada.

Alguns reis e imperadores preferiam comemorar o aniversário da subida ao trono, evitando assim o embaraço do dia do próprio natal. Esta reserva generalizada aos festejos dos nascimentos devia-se em grande parte ao hábito arraigado de se levantarem horóscopos, e ao receio que o conhecimento do futuro inspirava aos poderes estabelecidos, nomeadamente o da data da morte dos soberanos, por parte de quem quisesse promover mudanças políticas.

Enquanto saber divinatório distinto, tido geralmente por superior a outras técnicas mânticas, a astronomia adquiriu um papel preeminente no pensamento e nas práticas da Antiguidade. A popularidade de que usufruía passou incólume à Europa cristã e ao Islão, tendo conhecido também notável florescimento no hinduísmo, na cultura chinesa, no budismo tibetano e nos povos da Mesoamérica,

entre outras latitudes, com notável sofisticação nos seus conceitos, seguindo por um caminho paralelo, e não oposto, ao da religião, e depois ao da ciência.

Na época renascentista de Camões, ao prestígio da astrologia clássica somava-se a influência dos astrólogos na vida das cortes desde a Idade Média, fazendo com que o binómio *local / momento da vinda à luz* fosse lido como pertencente ao foro astral, declinando-se nas regências dos planetas, nas sortes e nos vaticínios desveladores do porvir. Persistiu esta *forma mentis* tanto nas letras (Reeves 2014) como na cultura popular, na da corte (Simões 2018), na da Igreja (Ribeiro 2023) e entre a classe dos médicos, tributária dos prognósticos (Mota 2006).

O padre Manoel Correa, gramático erudito, licenciado em Cânones (pela Universidade de Coimbra ou de Évora? Machado não esclarece, 1752:232), foi, apesar de mais jovem, amigo íntimo de Camões, e viria a ser o primeiro comentador de *Os Lusíadas* por insistentes rogos do Poeta: *mormente pedindo-me elle em fua vida por muytas vezes, lhe quiseffe glosar estes Cantos* (Camões 1613:252v). Numa passagem desse comentário, Correa comprova a estima e a consideração de que então gozavam as doutrinas dos astrólogos entre a elite intelectual do clero católico, apesar de terem sido proibidas desde 1564 na segunda versão do rol de livros defesos pelo Concílio de Trento, como adiante se verá:

Esta idade [dos homens] he conforme aos Astronomos, os quaes a diuidirão em sette partes, conforme aos sette planetas do Ceo, aos quaes dizem estar sogeitas as idades, como a infancia á Lua, puericia à Mercurio, adolescencia a Venus, a juuentude ao Sol, conftancia a Marte, a prima fenectus a Iuppiter, a decrepita a Saturno.

Camões 1613:264r-264v

Encontramos uma caracterização similar das idades do Homem em Jerónimo de Chaves (1523-1574), no seu *Reportorio de los tiempos*: a infância sujeita à Lua até aos 4 anos, puerícia a Mercúrio até aos 14, adolescência a Vénus até aos 22, juventude ao Sol até aos 41, virilidade a Marte até aos 56, senectude a Júpiter até aos 68, decrepitude a Saturno até aos 98, e daí passando retorna-se à segunda infância, ou meninice, perfazendo-se um tempo circular (Chaves 1554:38r-39r). Camões alude a estas idades em *Qu'ò tempo que se vay, não torna mais, / E se torna, não tornão as idades*: (Camões 1598:26r, vv. 3-4).

É provável que a fonte do padre Correa fosse o *Reportorio* de Chaves, mas onde este escrevera *Los Astrologos figuen otra opiniõ, y a mi parecer es mas allegada a la razón natural* (Chaves 1554:38r), Correa preferiu *Astronomos*, porém com o

sentido atual de astrólogos, dois saberes que então se confundiam: o próprio Chaves começara por ser apresentado na edição de 1561 como *Cosmographo de fu Magestad y profeffor Real de Cosmographia en Sevilla*, mas pelo menos a partir de 1572, portanto ainda em vida, passaria a figurar na página de título como *Astrologo y Cosmographo*, fórmula que combinava dois títulos de autoridade e que era comercialmente mais apelativa.

Ainda neste género dos reportórios, anteriormente cultivado por Bernat de Granollachs e por Andrés de Li, tendo o *Reportorio dos tempos* deste último sido traduzido e editado em Portugal por Valentim Fernandes (Li 1518?), saiu em Lisboa em 1585 o *Reportorio dos tempos* de André do Avelar (Avelar 1585), com atualizações e acréscimos à obra de Chaves, como a previsão dos eclipses, ou, mais significativamente, a arte de marear (Costa 2001 e 2004), cujas fontes devem ser averiguadas pois Avelar não parece ser um autor muito original. Conheceu várias reedições, já que todas as obras do género reportório obtiveram grande sucesso entre o público da época (Costa 2001:75-78), e muito especialmente entre os homens do mar.

O poeta Fernão Rodrigues Lobo Soropita, também ele responsável por uma edição póstuma da obra de Camões (Camões 1595), satirizou os prognósticos numa paródia às fantasiosas previsões escritas por um astrólogo, precisamente para o primeiro trimestre do ano de edição das *Rhythmas*, que ele interpreta em chave cómica: o *Pronostico do ano de 1595. ho quoa se achou, no bucho de hũ ãlephante* (Soropita 2007:229-236). Dele existem pelo menos três versões, a do *Cancioneiro Fernandes Tomás* (Thomaz [1971]:115r-116v), a do *Códice Varejão*, onde é dito *P. do ano de 1596* (Varejão c.1615:106r-108v), e a de *BNP 4565* (25r-31v).

Ainda que se trate de um escrito humorístico, Soropita terá recriado de forma plausível aquela que seria a linguagem profissional dos astrólogos quinhentistas, que ali se vê que era composta por alegorias e por temas extraídos da literatura alquímica, hermética e apocalíptica.

Com razão alude Rodrigues à *paixão* de Camões pela astronomia (Rodrigues 2017:213). As perífrases astrais que o Poeta elaborava comprovam o interesse que ele nutria pelo zodíaco (Ventura 1941a; cf. Curtius 2013:275-278). Na ode *Já calma nos deixou*, composta na Ásia portuguesa, onde se deveria ler *em janeiro*, ou seja, quando o Sol entra no signo do Aquadeiro – que Camões, seguindo uma das tradições gregas, identifica com o catasterismo de Ganimedes (Eratosthenes *et al.*, 2015:81-83) – acha-se em seu lugar:

*Porém como o menino
que a Júpiter por a Águia foi levado,
no cerco cristalino
for do Amante de Clície visitado,*

Camões 2024:116

Esta imagem ecoa um dos poemas de Petrarca com referências ao zodíaco, o Soneto 9:

*Quando'l pianeta che distingue l'ore
ad'albergar col tauro si ritorna
cade uertu da l'infiammate corna
che uefte il mondo di nouel colore*

Petrarca 1470:3r

*Quando o planeta que distingue as horas
volta a alojar-se [na casa do] Touro,
irradia uma energia dos chifres inflamados
que veste o mundo de uma nova cor.*

trad. própria

E nos *Triunfos* de Petrarca encontramos este terceto, o segundo do *Triunfo do Amor*:

SCALDAVA IL SOL GIA LVN ET LALTRO CORNO
DEL TAVRO: ET LA FANCIVLLA DI TITONE
CORREA GELATA AL SVO ANTICHO SOGGIORNO

Petrarca 1472:138r

... que Camões traduziu assim:

*O Sol hum e outro corno acendia
De Tauro; e a bella moça de Titam
Tornava a seu lugar leda e fria.*

Camões 1866:5

O poeta luso voltaria a este tema em *No Touro entraua Phebo...* (Camões 1595:33r), bem como na epopeia, onde há ecos do poeta de Arezzo:

*Era no tempo alegre quando entraua,
No roubador de Europa a luz Febea,
Quando hum, & o outro corno lhe aquentaua*

OL.II.72.1-6

Trento 1564:18

Também Góngora, na *Soledad primera*, quis glosar esta imagem taurina:

*Era del año la estacion florida,
En el que el mentido robador de Europa,
(Media luna las armas de su frente,
Y el Sol todos los rayos de su pelo)
Luciente honor del cielo, 5
En campos de zaphiro pasce estrellas:*

Góngora 1628:195

Fê-lo por influência directa de Camões e, segundo McGrady, também de Lope de Vega (cf. McGrady 1986; McGrady 1988; Montaner 2017:375).

II – Camões e a necromancia

A astrologia convivia com outras práticas divinatórias como a necromancia, a que Camões recorre como *deus ex machina* no final do enredo do *Auto chamado de Filodemo* (Lopez 1587:143v), intitulado *Comedia* por Luís Franco (Franco 1589:269r), sem exhibir as controversas práticas em palco:

Não no caso não há dúvida porque o pastor que de lá veio he o que os criou, e he grande homem d'arte mágica, e esta noite dizem que amostrou ao senhor dom Lusidardos a alma de seu irmão assim como se perdera em fim feito hum Palinuro que lhe contou todo o caso e está doudo de prazer manda fazer muitas festas.

Franco 1589:286r

Toda esta passagem foi suprimida na versão impressa do auto (Lopez 1587:162v), pois tomar oráculo dos mortos em literatura estava banido desde a publicação do *Índice* de 1564, o qual vedou *Libri omnes, & scripta Geomantiæ, Hydromantiæ, Aeromantiæ, Pyromantiæ, Onomantiæ, Chyromantiæ, Necromantiæ:*

impressos e manuscritos em que figurassem consultas às sortes com a terra, a água, o ar, o fogo, os significados ocultos dos nomes, ou o exame das palmas das mãos, ou ainda interpelações aos espíritos dos mortos

que é justamente a técnica da necromancia praticada na peça de Camões. Foi igualmente vedada a impressão de obras em que figurassem *Sortilegia, Veneficia, Auguria, Auspicia, Incantationes artis Magicæ*, portanto os feitiços, poções, prognósticos, consultas sobre o futuro e em geral quaisquer encantações de artes mágicas (Trento 1564:18), o que abrangeria um amplo espectro das artes de Talma daquele tempo, pois as práticas mágicas e as divinatórias eram um ingrediente recorrente das comédias (Camões 2018:87-88, 353, cf. Gernert 2021).

Há que lembrar que Camões iniciou a sua carreira de escritor como dramaturgo, e que estes e outros tipos de magia estavam também muito presentes nas novelas pastoris e nos livros de cavalaria (Lara & Montaner 2014), dois géneros aparentados com o *Filodemo*.

Apesar do seu prestígio particular, a astrologia aparece no *Índice* tridentino equiparada às outras artes divinatórias: *Astrologiæ iudiciariæ libri, tractatus, indices legantur, uel habeantur, qui de futuris contigentibus successibus, fortuitisque casibus, aut iis actionibus, quae ab humana uoluntate pendent, certo aliquid euenturum affirmare audent,*

livros de horóscopos, tratados e tábuas astrológicas, compostos por aqueles que ousam afirmar alguma certeza sobre sucessos futuros, casos fortuitos ou ações que dependem da vontade humana.

Trento 1564:18

Constituíam exceções: *Permittuntur autem iudicia, & naturales obseruationes, quæ nauigationibus, agriculturæ, siue medicæ artis iuuandæ gratia cõscripta sunt,* pelo que os livros respeitantes a alguns ofícios estritamente dependentes da futurologia escapavam às proibições, sendo assim

permitido publicar o resultado de exames e de observações naturais para auxílio da navegação e da agricultura, bem como da arte médica.

Trento 1564:18

Como os teólogos já vinham concedendo (Rutkin 2019:197; Sorokina 2021:448-462), foram autorizados os almanaques e os reportórios sobre os movimentos das estrelas, as previsões meteorológicas e os prognósticos médicos.

André do Avelar, na segunda edição do seu livro de astrologia (1590), caracteriza-o cautamente como um manual para os trabalhos rurais, contendo...

Astrologia rustica, & com huas breves, mas mui compendiosas regras para as sementeiras, & cultura dos aruores, & criação dos animaes

Prudência que não impediu que esta obra acabasse nos *Índices* de 1632, 1640 e 1707, tal como aliás a de Jerónimo de Chaves.

Na edição de Afonso Lopez, compilador do teatro de Camões, a cauda foi deixada ficar de fora no ‘Argumento’ do *Filodemo*:

... informado pelo Pastor que a criara (que era homem sabio na arte magica) ...

Lopez 1587:144r

Para esta edição, Lopez usufruía da proteção de Filipe I, de quem era *moço da Capella*, isto é, músico (e ocasional ator?). É de supor que o teatro de Camões tenha sido representado a mando d’El-rey, quando o soberano, grande admirador do Poeta, se estabeleceu com a corte em Lisboa entre 29 de junho de 1581 e 11 de fevereiro de 1583. Foi certamente o interesse de Filipe I que levou à recolha das duas peças de Camões por Lopez e à publicação delas, numa compilação com as de outros comediógrafos, também levadas à cena no Paço durante o biénio real lisboeta. Para isso aponta o precedente das traduções de Camões para espanhol, com forte apoio régio (Ramos 1984).

O *Filodemo* de Camões, na sua versão original, cairia sempre sob a alçada das proibições do *Índice*, mas a benévola tolerância do censor, Frei Bertolameu Ferreyra, outro grande entusiasta da obra do Poeta, permitiu a impressão do auto com cortes e substituições, tal como a de *Os Lusíadas* (estas negociadas com o Autor em vida) mantendo pistas como a mencionada acima, que deixavam o leitor entrever aquilo que tivera de ser suprimido. E quando, posteriormente, se apertaram os critérios, o *Filodemo* escaparia sempre a ser banido.

Iam longe os belos tempos em que o papa Leão X reprovara a peça *Il Negromante*, de Ariosto (1535), por esta ser contrária às doutrinas dos astrólogos, *for Leo X must be numbered among the many popes whose faith in astrology was notorious* (Portner 1982:317). A perspetiva do poeta reggiano opunha-se à de Camões, pois naquele enredo ele ridicularizara as ciências ocultas, incluindo a astrologia, e Leão X não lhe admitiria tal atrevimento. Ou aqueles em que Sancho de Salaya pudera ter cursado uma carreira aparentemente insólita, sucedendo a seu pai como Catedrático de Astrologia na Universidade de Salamanca, depois conselheiro do Imperador Carlos V, também médico da Inquisição, e ainda médico pessoal da Imperatriz Isabel. Salaya serviu todos os poderes, o astral, o académico, o inquisitorial e o imperial, então plenamente harmonizados. Num

ambiente cada vez mais intolerante, obras teatrais como as de Ferreira de Vasconcellos iriam atrair o zelo dos censores, tendo desaparecido das estantes das bibliotecas.

III – O dia em que eu nasci moura e pereça

O soneto escolhido por Saa para uma leitura genética, *O dia em que eu nasci moura e pereça*, não propõe charadas ou versos que exijam conhecimentos astronómicos ou astrológicos, antes apresenta um argumento linear:

1. certo dia ocorreu um eclipse;
2. as pessoas aterrorizaram-se perante aquela ominosa ocorrência;
3. mas naquele mesmo dia do calendário dera-se outrora um portentoso ainda maior;
4. nascera nele o homem mais infeliz que no mundo existe;
5. esse homem sou eu.

Cultivando a prática renascentista da *imitatio*, a imitação criadora, Camões combinava versos próprios com outros tomados de empréstimo, que traduzia ou glosava. Estas recriações eram facilmente reconhecidas como tais pelos ouvintes ou leitores.

É o caso, em *O dia em que eu nasci moura e pereça*, do *Livro de Job* como fonte parcial deste soneto, texto bíblico que conhecera alguma voga entre os escritores portugueses medievais e renascentistas (Castro 1973; Pereira 2014). Fray Luis de León, contemporâneo de Camões (1527-1591), vertê-lo-ia para tercetos castelhanos, publicados postumamente (León 1779).

Mas Camões não adotou apenas o tema jobita da maldição do dia do próprio nascimento para o seu soneto: recorreu igualmente a passagens do *Livro de Jeremias*, que poderia ter sido a fonte do próprio *Job*, ainda que a relação entre ambos os textos não esteja suficientemente estabelecida (Greenstein 2005). Esta segunda inspiração tem sido ignorada pelos críticos. Somou-lhes versos próprios de mortificação e de autocomiseração, no estilo e tom que lhe são bem conhecidos.

Em seguida apresenta-se o texto da lição do *Cancioneiro Fernandes Thomaz* (Thomaz 1971:174v), a mais fiável no seu conjunto, destacando-se a negrito aquilo que no soneto de Camões é novo, e identificando os trechos que são adaptações das imprecações veterotestamentárias segundo a *Vulgata Latina* (Vulgata 1544), a *Bíblia* que Camões ouvia e lia:

SONETO DE CAMÕES (FT)	FONTES BÍBLICAS DO POETA
<i>De Luis de Camoões. / Soneto.</i>	
O dia en que eu nasci moura e pereça,	<i>Jer 20:14: Maledicta dies, in qua natus sum</i> <i>Job 3:3: Pereat dies in qua natus sum,</i>
naõ o queira ia mais o tempo dar,	<i>Job 3:6: non computetur in diebus anni, nec numeretur in mēfibus.</i>
naõ torne mais ao mundo, e se tornar eclipse nesse espaço o sol padeça;	
A Luz lhe falte, o Ceo se escureça,	<i>Job 3.5: Obscurēt eum tenebræ & vmbra mortis: occupet eū caligo, & inuoluatur amaritudine.</i> <i>Job 3.6: Noctem illā tenebrofus turbo possideat:</i>
mostre o mundo sinais de se acabar,	
nação lhe monstros, sangue choua o ar,	
a Maý ao proprio filho naõ conheça.	<i>Jer 20:17: qui non me interfecit à vulua, vt fieret mihi mater mea sepulchrum, & vulua eius conceptus æternus.</i> <i>Job 10.18: Quare de vulua eduxisti me? qui vtinam consumptus effem, ne oculus me videret. (cf. Job 3.10).</i>
As pessoas pasmadas de ignorantes,	
as Lagrimas no rosto, a cor perdida,	
cudem que o mundo ýa se destruíó;	
O gente temerosa naõ te espantes,	
que este dia deitou ao mundo, a Vida	
mais desaventurada que se Vió.	

Um tanto enfática, esta é a única alusão poética explícita, identificada até ao momento, que Camões teria feito à própria efeméride genética.

V. 1 – *O dia en que eu nasci moura e pereça*, – Petrarca, na sextina *Qualunche animale alberga in terra*, profere uma maldição ao dia do próprio nascimento:

*Quando la fera scaccia il chiaro giorno
Et le tenebre nostre altrui fanno alba
Miro pensofo le crudele stelle 15
Che mhanno facto di sensibil terra.
Et maledicto il di chio viddi il fole
Che mi fa ã vista vn huom nutrito ã selua
Non credo che pascesse mai per selua
Si aþpra fera o di nocte o di giorno*

Petrarca 1478:[19r]

Quando a noite afugenta o luminoso dia / E a nossa escuridão é o alvorecer para outros povos / Contemplo pensativo as estrelas cruéis / Que me fizeram de matéria terrena. / E amaldiçoo o dia em que vi o sol pela primeira vez / Que me faz parecer um homem selvagem.

Eu não acredito que tenha jamais habitado a selva / fosse de noite ou de dia, uma tão agressiva fera.

Gomes pretendeu aproximar o v. 17 da sextina de Petrarca do v. 1 do soneto de Camões (Gomes 1985:166). Mas há que observar que é muito ténue, se de todo existente, a eventual relação entre esta maldição do dia natal em Petrarca e os livros de *Jeremias* ou de *Job*, já que o símile é apenas formal. E como o desenvolvimento deste tópico toma sentidos radicalmente diferentes no poeta de Trezentos, não poderia ter ecoado em Camões: é uma parte ínfima de um amplo lamento causado pelo menosprezo que lhe demonstra uma mulher de coração gelado, a *þpra fera*, e não o umbral da infelicidade pura, como no soneto de Quinhentos, desdita multifária e sem causa única ou particular. No toscano, a referência a *estrelas cruéis* é astrológica, no luso o fenómeno do eclipse é do âmbito astronómico, a que ele adicionou uma chuva de sangue, do meteorológico.

Além do verso da sextina, que poderia eventualmente provir de *Jeremias*, há que notar que o profeta das lamentações está de facto presente alhures em Petrarca. O amador de Laura ecoou versículos que são seguramente deste livro, e não de *Job*: veja-se o 3.12, *Tetendit arcum suum, et posuit me quasi signum ad sagittam*, que ele traduziu para toscano no *incipit* do soneto *Amor ma posto come*

fegno a strale (Petrarca 1473:58v). Escreveu também um verso antitético ao da sextina no início do soneto *Benedetto sial giorno el mese & lanno* (Petrarca 1473:26r).

Não é possível acompanhar Perugi quando o editor italiano dos sonetos de Camões afirma descortinar um parentesco entre *O dia em que eu nasci moura e pereça* e o soneto que corre anónimo no manuscrito escorialense Ç-III-22, *Pluguiera a Dios que nunca yo naçiera* (AA.VV. 1598:1v) (Camões 2020:362). O v. 1 é ilusório, porquanto parece acercar as duas composições, porém o desenvolvimento destoutro soneto também se dá, como na sextina de Petrarca, em sentido totalmente diferente do de Camões:

*Pluguiera a Dios que nunca yo naçiera,
ó ya que yo nassy, que nó amara,
ó ya que Amé, que em parte me empleara
ado my Amor agradessido fuera*

Y ssy my Amor, no se agradeçiera 5
*que como me oluidaran, oluidara
O ya que no oluidé, que me dexara
Amor algun Rincon, dó me acogiera*

*Mas triste de mj, que Amor tiene cerradas
las puertas de merçed, y piedad* 10
y no hoie, ni entiende mis sospiros.

*Poco aprouechan ya mis alaridos
pues la señora de mj libertad
por nó me oyr atapó los oydos*

AA.VV. 1598:1v

Nem no tema, nem nas imagens, nem na intenção, existe qualquer relação de parentesco entre este soneto e *O dia em que eu nasci moura e pereça*. É outro poema amoroso, como a sextina, e vai até rematado com um final chistoso.

Comprovam-se assim os equívocos que nascem quando, sem a devida crítica dos textos, se aproximam *incipit* semelhantes de composições poéticas diferentes, ou quando se procede a comparações entre composições de que apenas se conservam os *incipit*.

Idêntico caso com António Ferreira: *Mvitas vezes quiçera (tal me vejo) / Não ter nascido, ou não ter visto aquela*, (Ferreira 1598:8r). Este é outro poema de queixumes namorados, e por muito desesperado que seja, invetivando mesmo o

nascimento que aqui se identifica com o *fatum*, nada tem de aproximável ao ódio visceral à vida que existe no soneto de Camões, e que é, a este título, singular.

Se existe interesse pela astrologia em Ferreira, como *Em dia efçuro, & triste fui lançado* (Ferreira 1598:9r), onde no v. 8 se afirma que *Tanto ha, qu'ò ceo espero ver mudado!*, sendo este *céu* uma referência aos alinhamentos astrais, o desfecho do segundo terceto em *Mvitas vezes quiçera (tal me vejo)* logo o reconduzirá a outra coita de amor: *a morte / Que mais doce he por vos, que fem vos vida* (vv. 13-14).

O tópico da estrela infeliz e dos seus derivados era um lugar-comum, portanto de emprego universal. Confira-se Petrarca na epígrafe deste estudo, ou Garcilaso, *Desde mis tiernos, y primeros años, / A aquela parte, m'enclino mi estrella:* (apud Boscán 1543:CCI), ou Vicente, que adiante se detalhará, ou as *Eftrellas infelices* de Camões (Camões 1598:46r), ou Ferreira *Qual bom Planeta, que boa estrella, ou si[g]no* (Ferreira 1598:18r).

V. 4 – *eclipse* – Este verso recorre ao *vaticinium ex eventu*, expediente retórico que consiste em predizer, anunciar, ameaçar ou invocar como sucesso futuro algo que na realidade já ocorreu, gerando-se assim uma profecia cumprida. Apesar do uso desse recurso, o soneto assume-se mais como o rogar de uma praga, com natureza profética apenas secundária.

Este eclipse não encontra precedente nas fontes bíblicas em que o Poeta se inspirou para o soneto. Nem a palavra nem o conceito de eclipse se lobrigam em qualquer passo de *Jeremias* ou de *Job*. Nem mesmo *Amos* 8.9 ou *Isaías* 13.10 se reportam, estritamente falando, a um eclipse.

Se os setenta e dois tradutores da *Bíblia* grega quisessem referir-se a um eclipse, teriam escrito ἔκλειψις com o significado de *ausência* do Sol. Mas o que se encontra em *Job* 3.4 é: ἡ ἡμέρα ἐκεῖνη εἶη σκότος, καὶ μὴ ἀναζητήσαι αὐτὴν ὁ κύριος ἄνωθεν, μηδὲ ἔλθοι εἰς αὐτὴν φέγγος. – *Dies ille vertatur in tenebras: nō requirat eum Deus, desuper, & nō illustretur lumine*, para São Jerónimo (Vulgata 1544:258).

V. 5 – *o Ceo se escureça* – A palavra que os tradutores escolheram para traduzir o hebraico כִּמְרִיָר kimrîyr – um *hapax legomen* bíblico – foi γνόφος, termo de significação mais ampla, usado para nomear *sombra, escuridão, ou treva*. O negrume de *Job* 3.5 é pois interpretável não como um fenómeno solar, mas sim atmosférico, pelo qual o céu se acharia coberto de espessas nuvens negras, ou por uma névoa fuliginosa.

Reforçando a ideia de que o autor de *Job* não se refere a um eclipse, São Jerónimo, procurando transpor a passagem hebraica *que uma nuvem o cubra, que as trevas (kimrîyr) do dia o apavorem*, afastou-se mais ainda do hipotético latim

eclipsis, vertendo *kimrîyr* como *amaritudine*, que em português significa *amargura* ou *pesar*, emprestando então à palavra para a ausência de luz um sentido mais moral do que físico. Coincidiu aqui com a interpretação de Áquila de Sinope e com a dos tradutores para siríaco e para aramaico.

Este entendimento de São Jerónimo era o mesmo que Camões teria da passagem jobita. Uma versão medieval portuguesa, elaborada a partir da *Vulgata*, vertera já *Job* 3 fielmente assim:

1. (D)espois desto abrio Job sua boca e maldixe o dia em que naçera, 2. e disse:
3. Pesse ao dia em que eu nacy e à noyte em que foy dito que eu fora comçebido, 4. o qual dia seja tornado em trevas e nam aja craridade de lume.
5. Escuremtado seja com trevas e com sombra de morte e emvolto com **amargura**.
6. Aquella noyte seja posuyda de vento forte e trevosso...

Castro 1973:96

A leitura atmosférica e meteorológica das trevas, e não a eclíptica ou astral, iria fazer escola, pois Ferreira de Almeida, na tradução que elaborou antes de 1691, ano em que morreu em Jakarta, ainda que tenha sido publicada muito após, traduziu desta forma *Job* 3.5:

Trevas e sombra de morte o contamináráõ, nuvens habitáráõ sobre elle: os negros vapores do dia o espantáráõ!

Almeida 1819:514

Conclui-se assim que o eclipse do v. 4, enquanto causa desse céu que se abacina nas fontes bíblicas, não é, ele próprio, um empréstimo pedido a essas fontes, pertencendo aos componentes originais que o Poeta carrou para esta esconjurção, sendo portanto potencialmente autobiográfico.

Gomes aventou também que o Poeta teria recolhido inspiração para este eclipse não na própria experiência de aniversariante, mas numa passagem de Gil Vicente em *A farça do juyz da Beyra* (Gomes 1985:167). Nela, a personagem do Amador, um dos quatro irmãos que comparecem em cena, menciona o *si[g]no* sob o qual foi *gerado* – não o do momento em que foi parido, sendo deste último que se levantam horóscopos, não daquele anterior – acrescentando-lhe a circunstância de que quando nascera estava *o sol esclipsado*, para explicar de

forma cómica ao juiz por que motivo é tão triste *quem enfermo for d'amor* (Vicente 1562:CCXXVr).

É certo que a palavra, mas não a ideia da *conceção*, está presente em *Job* 3.3, sem contudo se fazer referência ao ato genésico: *Pereat dies in qua natus sum, & nox in qua dictum est, Cõceptus est homo...* traduzido como *e a noite em que se disse 'foi concebido um varão'*. Esta *noite* já não é a da *conceção*, durante a qual nada fora dito de relevante, nem por regra costuma ser. É a noite em que foi anunciado ao pai, *dictum est*, que lhe havia nascido um filho varão, uma versão empobrecida do episódio que *Jeremias* 20.15 descrevera com maior abundância de detalhes e de personagens: *Maledictus vir, qui anũtiauit patri meo, dicens, Natus est tibi puer masculus: & quasi gaudio lætificauit eũ*, e em português: *Maldito seja o homem que levou estas novas a meu pai, causando-lhe uma grande alegria ao dizer-lhe: 'Nasceu-te um filho varão!'*.

A perspectiva do Amador vicentino está nos antípodas daquela perfilhada pelos autores de *Jeremias* e de *Job*, e da adotada pelo imprecador do soneto: em lugar de rogar pragas ao seu dia natal, o Amador *lamenta* os alinhamentos que presidiram à *conceção* dele, e o que no céu se passou também quando este infeliz veio ao mundo.

O Amador vicentino é melancólico porque ama, ainda que faça derivar jocosamente essa melancolia de um eclipse ocorrido no dia natal dele. O eclipse de Camões não ocorre no dia do nascimento, mas sim num aniversário. Não é a causa do sofrimento, nem estabelece qualquer relação com a vida e destino do Poeta. Apenas fornece um termo de comparação entre o terror que ele infunde na população e a ainda mais aterradora existência desse triste entre os tristes (Camões 2022:85-86;127).

É de notar que o Amador não é um carácter, é uma personagem-tipo no limite da caricatura. E se Camões tivesse haurido inspiração em Vicente, tê-lo-ia citado, e não a *Jeremias* e a *Job*, mas não existe no soneto de Camões um só verso que seja aproximável aos desta farsa. A alusão ao eclipse como causa da tristeza do Amador foi bem excluída por Ventura do estudo das teorias astronómicas vicentinas (Ventura 1941b), dado que ela não veicula doutrina, sendo meramente um recurso retórico de *non sequitur*.

Maus signos no momento da *conceção* – momento pecaminoso, como já foi lembrado – ou ocorrências de eclipses, são triviais no discurso corrente. A edição de 1585 da obra de Avelar era anunciada como contendo as tabelas dos eclipses, *Chegão as taboas dos Lunarios, & Eclipses, ate o anno de 1610*. (Avelar 1585). Esta

matéria profética prediz um facto próximo no tempo e facilmente verificável, pelo que suscitou sempre o apreço do público.

V. 7 – *nação lhe monstros* – tal como os eclipses, nas civilizações antiga e medieval o nascimento de monstros não era uma consequência de algo, mas um presságio de um perigo iminente, um aviso divino, uma exigência de expiação, pertencendo ao campo dos *prodígios* (AA.VV. 2007:931-932), que são aqui usados com o sentido oposto, pois não anunciam que sobrevirá algo terrível, mas, ao invés, que algo terrível já sucedeu: o nascimento da criatura entre todas a *mais desafortunada* (v. 14).

Sobre a inclemente obstinação do destino adverso do Poeta malsinado, disse Diogo do Couto: *naõ he de espantar que quem nação pera triste ja naõ pode ser contente* (Couto <1616:124r).

V. 7 – *sangue chova o ar* – este não é um prodígio de inspiração bíblica, mas sim clássica (Rey 2017) e medieval (Tatlock 1914). Sem correspondência exata a uma chuva de sangue, o mais próximo que de uma tal ocorrência se pode achar na Escritura está em *Apocalipse* 8.8: *καὶ ἐγένετο τὸ τρίτον τῆς θαλάσσης αἷμα, que a terça parte do mar se tornou em sangue*; e em *Apocalipse* 11.6: *καὶ ἐξουσίαν ἔχουσιν ἐπὶ τῶν ὑδάτων στρέφειν αὐτὰ εἰς αἷμα, e eles têm o poder de transformar as águas em sangue*, embora no versículo anterior, ao arpejo da visão de Camões, o autor apocalíptico anunciasse precisamente a suspensão das chuvas, *κλεῖσαι τὸν οὐρανόν*, *ἵνα μὴ ὑετὸς βρέχη, fechando o céu, para que não caia a chuva*.

V. 8 – *a Mãe ao proprio filho não conheça* – o autor de *Jeremias* desenvolveu em 20.17 uma ideia que se refletiria mais abstratamente em *Job* 10.18: centrou-se em amaldiçoar o próprio parto, no qual ele desejaria ter perecido, sendo esse o sentido de *mater mea sepulchrum*, que *fosse a minha mãe a minha sepultura*, dado que o filho morreria dentro dela. Essa mesma ideia encontra-se agora no v. 8 do soneto de Camões: a mãe não viria a conhecer o filho porque este morreria no ventre, *a mãe ao proprio filho não conheça*, na tradução livre desta passagem jeremiaca pelo Poeta.

Tal verso nada tem a ver com as supostas *relações ambíguas* [de Camões] *com a mãe* (Matos 1974:23), nem é *surpresa* [autobiográfica] *aberrante* (Matos 1974:24). Antes estamos em presença de uma citação bíblica por alguém que foi educado para seguir a carreira eclesiástica, e que por via desse treino para a homilia manejava com gosto e facilidade as referências da Escritura, com certa preferência por *Jeremias*.

Em modelos peninsulares de Camões, como Juan Boscán, no soneto *Que strella fue? por donde yo cai?* (Boscán 1543:XXXIIIr), a fonte é uma vez mais *Jeremias* 20.17, e não, como escreveu Silva, *indubitavelmente inspirado também no pessimismo do ‘Livro de Job’* (Silva 1999:205). Pois se o v. 9, *Porque no mori en el vientre? o en naciendo?* poderia até provir de ambos os livros bíblicos, já *Quien primero holgo, quando naci?* (v. 5) é eco nítido de *Jeremias* 20.15, e ausente em *Job: & quasi gaudio lætificavit eū*, ou seja, *a meu pai saber que eu nasci causou-lhe uma grande alegria*.

A presença de *Jeremias* no soneto, ainda que já assinalada (Bochicchio 2012 e Pereira 2012), não foi devidamente estudada. Os comentadores limitavam-se a assinalar a de *Job*, que terá ecoado aquele, o que lhes impediu o entendimento desta alusão, ou a sua leitura em deslocada chave psicologista, como Matos. Alvitrou-se mesmo que a mãe não *reconheceria* o filho (por algum surto de demência?), quando o que lemos no soneto é *conhecer*, que tem um sentido diferente de *reconhecer*.

A versão de Camões sobre a morte do feto em *Jeremias* 20:17 é pois exatamente inversa da interpretação que Mário Saa lhe pretendeu atribuiu, ou seja, que do parto resultaria a morte da parturiente (Saa 1941:45-50). Essa seria a situação descrita por Camões a propósito de uma personagem feminina do *Filodemo*:

*o dia que fuy nacida
minha may do parto forte
foy sem cura falecida
& o dia que me deu vida
lhe dey eu a ela a morte.*

Lopez 1587:154v

Mas no soneto este entendimento do verso por Saa é erróneo. Proveio do desconhecimento de *Jeremias*, e da interpretação equivocada de um outro verso de Camões, presente na canção *Vinde quã meu tão certo secretario*:

*Quando vim da materna sepultura
De nouo ao mundo logo me fizeram
Estrellas infelices obrigado:
Com ter liure aluedrio mo não derão,
Que eu conheci mil vezes na ventura
O melhor, & o pior fegui forçado:*

45

Camões 1598:46r

Já Storck propusera que esta *materna sepultura* (v. 41) fosse uma alusão à morte de parto da mãe de Camões (Storck 1898:150), conjetura sobre a qual ele fez parcialmente assentar a denominada *tese da madrastra*, que propunha que o pequeno Luís não teria sido criado pela mãe. Abonou esta exegese em passagens de Calderón sobre mortes de parturientes, que alegadamente refletiriam o conhecimento pelo dramaturgo madrileno desta expressão *materna sepultura* usada por Camões, conhecimento possível mas que nada indica que lhe tivesse servido de inspiração.

Em qualquer dos casos, essa *materna sepultura* não é uma referência à morte da mãe de Camões. Nem, obviamente, remete para o sentido jeremíaco, pois o Poeta que escreve estes versos não poderia ter morrido no interior da mãe dele. Para Camões, a *materna sepultura* é uma alusão ao útero como sepulcro da alma. Quando esta se une ao corpo na matriz, cai, ou decai, aprisionada pela matéria. Platão fixou numa expressão proverbial a doutrina de que *o corpo é a sepultura da alma*: $\sigma\omega\mu\acute{\alpha} \acute{\epsilon}\sigma\tau\iota\nu \eta\mu\acute{\iota}\nu \sigma\eta\mu\alpha$, *Górgias* 493a; cf. também *Crátilo* 400c e *Fedro* 250c, e ainda Hütwohl 2016. Este ensinamento, concorde com os princípios do dionisismo, postulava então que o nascimento seria a saída desse *corpo materno enquanto sepultura da alma*. E é exatamente neste sentido órfico, platónico e neoplatónico, que Camões usa esta fórmula antiga.

Há mais uma expressão na canção *Vinde quâ meu tão certo secretario* que se acorda com esta inspiração: *De nouo ao mundo...* (v. 42). Simões alvitrou que «*De novo ao mundo*» não é de novo reencarnado, é vim novo, cheguei novo (...) quando eu cheguei novo (...) quando eu cheguei pela primeira vez a este mundo (Simões 2025:16'48-17'10). Da explanação de Simões sobre não se tratar de uma referência à reencarnação transparece alguma confusão. Afinal quantas vezes as pessoas virão ao mundo após uma dita *primeira vez*?

No tempo de Camões, a expressão *de novo* tinha dois significados antitéticos: tanto poderia corresponder a *agora pela primeira vez*, como também já teria o atual, de *outra vez*. Ilustra-se o primeiro sentido em: *erão gentes roubadoras, / Estas que ora de nouo sam chegadas: OL.I.78,3-4*; e para o segundo encontramos: *Agora da esperança ja adquirida, / De nouo mais que nunca derribado: OL.VII.80,3-4*; ou ainda *Mas se esta vida que agora de nouo me da for para ma tornar a tomar*, (Camões 1595:147r). O número de vezes em que cada uma destas aceções contrárias ocorre no total da obra é mais ou menos equivalente.

Qual seria o significado específico nesta canção? O de *agora pela primeira vez* é impropriedade neste contexto. Nada autoriza a interpretar *de novo* como significando *vim novo* ou *vim pela primeira vez*.

A correta interpretação é *quando voltei mais uma vez ao mundo*, ou seja, *quando eu reencarnei*, precisamente de acordo com a doutrina da metempsicose sustentada por Platão, pelos pitagóricos e pelos órficos, que Camões está a perfilhar nesta estrofe, ausente da versão de 1595 (Camões 1595:39r). É esta, e só esta, a leitura que se harmoniza com *materna sepultura*, e com o $\sigma\omega\mu\acute{\alpha} = \sigma\eta\mu\alpha$ do verso anterior.

IV – Mas qual eclipse?

Mário Saa considerou que o eclipse mencionado em *O dia em que eu nasci moura e pereça* só poderia ter ocorrido durante o primeiro aniversário do Poeta:

Não torne mais ao mundo...

Mas, o mesmo dia voltou ao mundo, e logo ao voltar no ano seguinte, houve eclipse de Sol:

Não torne mais ao mundo, e se tornar,

Eclipse nesse «passo» o Sol padeça.

Saa 1941:22

Percorrendo os eclipses dos anos vinte do século XVI, Saa encontrou o dia 23 de janeiro de 1525. Se fosse também esse o dia do primeiro aniversário do lactente Luís, isso significaria que o nascimento dele se dera a 23 de janeiro de 1524.

Claudica aqui o pensador caldense. Por um lado, é nula a probabilidade de alguém conservar memória, ou sofrer impacto duradouro, de um espetáculo ocorrido quando ainda mal gatinhava. Mesmo que esse alguém fosse o moço Luís. Manuel Peres, diretor do Observatório Astronómico de Lisboa, chamara a atenção de Saa para esta incongruência etária: *êle não fazia observações astronómicas (sobretudo ao nascer)* (Saa 1941:244).

A segunda objeção, esta definitiva, é que o fenómeno indicado por Saa não foi visível como eclipse total em parte alguma do Reino de Portugal, mas apenas no Sul de Espanha e no Norte de Marrocos. Saa escrevera cautamente:

Efectivamente, no 23 de Janeiro seguinte houve um eclipse de Sol, às três horas da tarde, e que ensombrou o ocidente da Europa e o noroeste de África.

Saa 1941:22

O ocidente da Europa e o noroeste de África não equivalem a Portugal. Examinando o mapa de visibilidade do eclipse de 23 de janeiro de 1525, reproduzido em Simões 2024a:108, facilmente se comprova que esta formulação nebulosa foi extrapolada pela pesquisadora de Coimbra ao afirmar, sem sustentação astronómica, que este *eclipse solar anular* teria sido *visível em Portugal* (Simões 2024a:108).

De facto, o eclipse só foi *anular* no noroeste de África, numa faixa de 100 a 150Km, que é a típica zona de umbra de um eclipse, cobrindo o norte de Marrocos e o estreito de Gibraltar, e rasando a Andaluzia, muito longe de chegar ao Reino do Algarve. Assim sendo, em Portugal apenas foi visível como mero eclipse parcial.

Ao contrário de um eclipse total ou anular, o eclipse parcial, além de ser um fenómeno relativamente comum, é imperceptível com o céu ligeiramente nublado (circunstância frequente no mês de janeiro), estando portanto muito longe de poder causar o efeito dramático evocado por Camões.

Por tal motivo, é insustentável a identificação do eclipse do soneto de Camões com o ocorrido no dia 23 de janeiro de 1525. Tanto porque o próprio nunca guardaria lembrança do episódio celeste, como porque nem mesmo a família, nem ninguém no Reino, lhe transmitiria a recordação de um fenómeno invisível para quem naquele dia estivesse em Portugal.

Todavia, os termos de *O dia em que eu nasci moura e pereça* não restringem, nem aliás sugerem, que o eclipse tenha ocorrido no dia *do primeiro aniversário* do Poeta: ou seja, não é *o* aniversário, mas *um* aniversário que ali se encontra evocado, entre os mais de meia centena vividos pelo aniversariante.

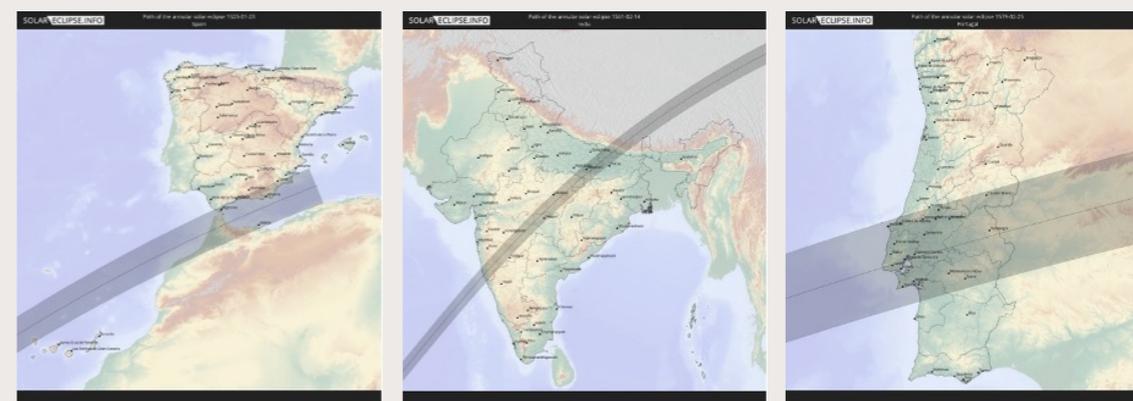
Impõe-se então perguntar se existe um outro eclipse a que Camões pudesse aludir no soneto como sendo aquele que ocorreu em algum dos seus subsequentes aniversários natalícios.

Pesquisando as páginas de astronomia que disponibilizam as visibilidades dos eclipses do Sol, totais e anulares, de que Camões pudesse ter sido testemunha, e cobrindo o Reino e os oceanos, a Ásia e África, começando em Portugal continental até 1547, e seguindo para Ceuta entre 1548 e 1549, Lisboa e o Reino de 1550 a 1553, ano este em que passou pela Madeira, Cabo Verde, Atlântico Sul, África do Sul, Ilha de Moçambique, Goa e o Malabar, em 1554 junto à Abissínia e em Omã (Muscate) (também em 55?), em 1556-59 na Malásia e na Indonésia (Malaca, Ternate, Banda, Java), de novo em Goa até 1562, em Macau via Hainan em 1563-64, em 1565 no Camboja e em 1566 de novo em Malaca e em Goa, em 1567-69 novamente na Ilha de Moçambique, saindo pela de São Jorge junto a esta, logo

após na Ilha de Santa Helena, em Santiago?, e na Terceira, aportando a Cascais em 1570, e por fim em Lisboa até ao passamento.

Após o cruzamento dos dados astronómicos, geográficos e biográficos, encontram-se numerosos eclipses visíveis apenas como parciais: mais de uma dezena desse tipo, aos quais, como já foi referido, faltaria o impacto que o Poeta confere ao eclipse de *O dia em que eu nasci moura e pereça*, pois não chegariam para transformar o dia em noite.

Com potencial para inspirar o soneto genetliaco sobressaem estes eclipses que Camões terá efetivamente presenciado: o de 14 de fevereiro de 1561, visível como anular [ligeiramente a norte de Goa, à tangente desta cidade](#), e o de 25 de fevereiro de 1579, com a zona de escuridão a coincidir perfeitamente com Lisboa, onde o Poeta residia naquele momento. Por mero acaso, os dois candidatos à substituição da malograda proposta de Saa / Simões caem ambos no mês de fevereiro:



[O eclipse de 23 de janeiro de 1525.](#)

A zona de escuridão exclui Portugal.

[O eclipse de 14 de fevereiro de 1561.](#)

Observável em Goa quase como total.

[O eclipse de 25 de fevereiro de 1579.](#)

Observável como total em Lisboa.

Cada uma destas outras propostas, pese aos seus méritos intrínsecos, possui também os seus deméritos: sendo o eclipse o de 1561, não há motivação biográfica conhecida que justificasse tamanho desgosto de si. Aquela foi uma época de plenitude para Camões, então sob a magnânima proteção de Dom Constantino de Bragança, vice-rei da Índia de setembro de 1558 a setembro de 1561 (Camões 1595:65v), período no qual o Poeta pôde usufruir de uma situação

privilegiada e que não explicaria o fatalismo que exsuda destes versos. É pouco convincente que, no caso deste soneto em particular, tanto negrume e revolta fossem redutíveis às *maldições circunscritas à queda amorosa* (Gigliucci 2016:40), a que se reportavam os versos de Petrarca (1478:[19r]) e de Ferreira (1598:8r).

Já se tratando do [eclipse de 1579 em Lisboa](#), parecem estar reunidas todas as condições para essa mágoa, pois seria um soneto escrito às portas da hora definitiva. Conhecemos o estado de espírito de Camões nessa época pelo tom trágico da famosa carta que escreveu a Dom Francisco de Almeida (Crasbeeck 1626), após a tragédia marroquina que, como recordou Severim de Faria, o mergulhou em profunda depressão e angústia (Camões 2022:204), e a que se somaram as misérias e aflições da indigência, conjugadas com os crescentes achaques do morbo sífilítico de que ele padecia (Camões 2022:205).

Foi de acordo com esta datação de 1579 para o eclipse que o visconde de Juromenha lavrou umas linhas sobre o soneto do dia natal plenas de empatia pelo Poeta:

É n'estas circunstancias que a dor arranca ao Poeta do fundo d'alma um intimo e profundo gemido, e, em uma de suas poesias ([então] ineditas), pragueja esse dia, que um uso ou abuso da sociedade nos faz festejar, e que só denota que entrámos n'um mundo onde o primeiro acto da vida é o chorar.

Camões 1860:127

O repúdio pelo próprio nascimento, nas palavras de Juromenha, já não provém do anátema jobita, mas sim das teorias antivitalistas e protanáticas da tradição dionisíaca helénica e da dos shaivitas (ou dionisíacos indianos) que Camões apreendera na Índia (Camões 2022:226-227), bem como das teses semelhantes defendidas pelo budismo theravada a que ele esteve exposto no Camboja em 1565/66 (Camões 1572:181v = OL.X.127.6-8; cf. Ribeiro 2025:67).

Seguindo a voga orientalista europeia, Juromenha empresta ao soneto de Camões essa vontade de autoextinção, ou desejo de *eleutheria* dionisíaca, *moksha* shaivita, *parinirvana* budista, e *Wille zum Tod* da filosofia alemã. Sob esses parâmetros, o visconde afirma a importância de *O dia em que eu nasci moura e pereça* enquanto testamento espiritual do poeta, a par da carta a Dom Francisco, resultando da sua dolorosa conversão *in extremis* ao dionisismo, *n'esta hora solemne e fatal, na qual cáem todas as decepções* (Camões 1860:128), instante vulnerante de revelação derradeira em que o véu da ilusão de Maya se rasga. E assim, convergindo com o Camões deste soneto, ele lastima a estultícia dos

festejos do dia natal, odioso para os báquicos, e pelo menos problemático para os cristãos, que outra coisa não é do que o inauspicioso ingresso do vivente nas misérias da existência terrena, na qual o corpo é tumba, $\sigma\omega\mu\acute{\alpha} = \sigma\eta\mu\alpha$, como Camões lembrara na *materna sepultura* da sua canção autobiográfica. Aquilo a que eufemisticamente se chama *vida* é o angustioso e acidentado trânsito que conduz de uma morte à outra, do sepultamento da alma na carne ao sepultamento do corpo nos elementos.

É sabido, todavia, que nos estudos camonianos raramente há respostas definitivas, e nisso reside o seu maior estímulo. Neste caso, o estudo da transmissão material do soneto *O dia em que eu nasci moura e pereça*, a sua crítica externa, aparentemente colocaria algumas restrições à hipótese de o soneto de Camões ser motivado pelo eclipse de 25 de fevereiro de 1579, que seria aquela data que se afiguraria como ideal, de acordo com todos os dados biográficos, psicológicos, filosóficos, bíblicos e astronómicos. Terão de ser ponderadas as objeções provindas da elusiva análise dos testemunhos manuscritos, que para este soneto são em número de quatro: o *Cancioneiro de Cristóvão Borges (CrB)*, o *Cancioneiro de Luís Franco (LF)*, o *Cancioneiro Fernandes Thomaz (FT)*, e ainda o testemunho proveniente de uma outra família da transmissão, o Ms. UCBG 324.

V – O Cancioneiro de Cristóvão Borges (CrB)

No chamado *Cancioneiro de Cristóvão Borges*, o soneto comparece em posição medial, no fôlio 65v de um total de 97 fôlios reto e verso, havendo uma data inscrita no início deste códice que é anterior à do eclipse de Lisboa: *feito em lx.a a 24 de dezembro de 1578 anos*. (Borges >1578:frontispício).

Não parece admissível que esta data se refira ao termo da atividade do compilador – que não é Cristóvão Borges, que o assina como proprietário (Borges 1979:7) – declarando que o cartapácio foi *feito*, o que não equivale a dizer que naquela data de 1578 foi terminado o trabalho do copista.

Poderia Borges ter anotado simplesmente que o códice foi materialmente composto naquele momento, iniciando-se então a tarefa de cópia? Estes dizeres foram inscritos no início do códice e não no cólofon, onde por regra se assinalava a conclusão dos trabalhos.

A data indicada também poderia referir-se apenas à conclusão da secção inicial do códice (até ao f. 59) e não das chamadas segunda e terceira secções que lhe foram posteriormente adicionadas, descritas por Askins (Borges 1979:6), e em cujos fôlios se encontra o soneto, mais exatamente na segunda.

Por todas estas dúvidas, a datação deste códice permanece particularmente incerta, e desse modo não é possível extrair qualquer conclusão da posição que nele ocupa o soneto, que, cabe observar, não corre ali anónimo como se tem dito: Moura argumentou, e bem, que o soneto, por se achar inserido num bloco camoniano iniciado em 60r, está de facto atribuído ao Poeta (Moura 2004:1060-1061). Apesar de não ser necessária a existência de atribuição para um poema ser efetivamente de Camões, a argumentação de Moura é atendível, tanto mais que não foi rebatida de forma concludente por quem tentou fazê-lo.

VI – O *Cancioneiro de Luís Franco (LF)*

Mais complexo é o caso do *Cancioneiro de Luís Franco* (Franco 1589), onde o soneto igualmente se encontra integrado num bloco coeso de poesias de Camões, mas com o texto muito corrompido. No frontispício informa-se que o códice foi *começado na Índia a 15 de janeiro de 1557 e acabado em Lisboa em 1589*, com uma foliação de 296 unidades, figurando o soneto no fôlio 132r (Franco 1589:132r).

Ora Luís Franco iniciou na Índia a transcrição de *Os Lusíadas* para o seu *Cancioneiro* no fôlio 203r em diante, a partir de uma cópia autógrafa que, para salvaguarda do poema, Camões lhe confiara ao deixar a Índia portuguesa para tornar ao Reino. Depois o *Cancioneiro* viajaria também para Lisboa com o seu compilador, certamente trazendo os autógrafos de Camões que serviram de fonte para o códice e que ainda não foram recuperados.

Segundo as palavras de Almeida,

Fica-nos sempre a dúvida sobre se (...) Frei Bartolomeu Ferreira deixou passar *Os Lusíadas* tal como Camões os tinha escrito, ou se houve alguma pressão censória que determinasse alterações no texto, não temos modo de comparar aquilo que está na edição com aquilo que teria sido o texto definido, estabelecido pelo próprio poeta.

Almeida 2024:29'10-42

De facto está longe de ser assim. Possuímos vários manuscritos que não foram ao exame das autoridades censórias (Tocco 2011), e por comparação dos textos podemos comprovar as alterações e os cortes efetuados.

Os mais importantes são os manuscritos *Coello* e *Montenegro* com que Faria e Sousa trabalhou para a sua edição da epopeia (Camões 1639), e de onde recuperou estrofes inteiras suprimidas na versão impressa. No que toca ao Canto I

o *Cancioneiro de Luís Franco* é também importante para estabelecer o estado do texto de *Os Lusíadas* cerca de 1567, data da separação dos amigos com a partida de Camões da Índia, um lustro antes da versão impressa.

Por exemplo, na 8ª estância do Canto I, dirigida a El-rey Dom Sebastião, lê-se em Luís Franco: *Vos ô sagrado Rei a cujo Imperio* (Franco 1589:203v). A censura forçou a mudança para *Vos poderoso Rei, cujo alto Imperio* (Camões 1572:2r). A versão original de Camões sinalizava que o Poeta conhecia as pretensões d'El-rey à sacralidade imperial, a *sacra majestade*, que por herança romana ostentara já o avô materno, Carlos V. Ao aproximar num mesmo verso as palavras *sagrado* e *Imperio*, o Poeta sugeria o direito do monarca português àquela dignidade suprema.

Por estes versos se confirma igualmente que Camões já tinha decidido na Índia dedicar o Poema ao Rei. Justamente em Franco, os cantos são intitulados *Elusíadas De luís De camois a elRei Dõ Sebastião*. (Franco 1589:203r). Com esse propósito viajara para Lisboa, não o querendo fazer imprimir em Goa, cidade onde saíra a lume a sua primeira composição assinada em letra impressa, a *Ode-epístola proemial ao Conde do Redondo* (Camões 1563:[4v-5v]).

A firmeza da Inquisição em Lisboa, pouco disposta a adulações, menos ainda se dirigidas àquele rei, escamoteou o consabido facto de os imperadores romanos serem *sagrados*, e mesmo, pelo menos desde Constantino, serem *sagrados* igualmente no sentido cristão da palavra, e ainda de ser *Sacro* o Império Romano-Germânico, a cuja família imperial Dom Sebastião pertencia por via de Carlos V. É justamente a este parentesco, muito do agrado d'El-rei, que Camões alude. Os censores ter-lhe-ão pontualizado que o adjetivo se reservaria para matérias do âmbito teológico e eclesiástico. A versão publicada representa um empobrecimento semântico, dado que *poderoso* é um qualificativo comum, não exclusivo de pessoas régias, nem de pessoas imperiais ou de pessoas divinas.

Onde reside a aparente dificuldade de o soneto se referir ao eclipse de 1579 é no facto de no fôlio 215v, no final da transcrição do Canto I das *Elusíadas*, Luís Franco informar que decidiu não prosseguir a tarefa, dado que a obra tinha, entretanto, saído à luz. Demorou a receber a notícia, pois quando começou a transcrição ainda a ignorava, e quando a acabou já a conhecia. Este fôlio 215v tem então data posterior a 1572, e o soneto ficara inscrito oitenta e tal fôlios atrás.

Se partirmos do princípio de que a transcrição dos poemas para o códice foi sendo feita de forma gradual ao longo de mais de três décadas, esta localização do soneto no códice implicaria que a sua composição era datável dos anos 60 na Índia portuguesa, quando os dois poetas Luíses ali conviviam, Luís de Camões e o

seu amigo Luís Franco. Nesse caso não haveria dúvida de que o eclipse aludido seria o de Goa, de 14 de fevereiro de 1561.

Contudo, trinta e dois anos seriam *para tão longo trabalho, tão curta a obra*. A elaboração material dos códices cancioneris era caótica, incluída a fase final de junção dos cadernos, onde era provável uma troca na ordem deles. E a circunstância de que se conserva não o original do manuscrito indiano e sim uma cópia coeva também não ajuda à fiabilidade da sua foliação (Camões, 1861:XIII; Saavedra 2025:2). Em todo o caso, veja-se Bismut 1980:28-29, n. 5.

O que é de sobremodo duvidoso é que a compilação tenha resultado de um trabalho paulatino, repartido por aquele colossal intervalo de tempo, a um ritmo de três ou quatro poemas copiados por ano. É mais aceitável que grande parte do conteúdo do códice tenha sido incluída em conjunto e tardiamente, perto da data do termo dos trabalhos, o ano de 1589, sem o mínimo critério cronológico. Nesse caso, um soneto de 1579, e última produção do poeta, já poderia figurar em fólhos anteriores à constatação da impressão de *Os Lusíadas*, notícia que Luís Franco forçosamente obteve após o ano de 1572, mas não imediatamente, pois residiria ainda na Índia lusitana quando em Lisboa saía dos prelos a obra impressa de Camões.

Por outro lado, o *Códice* é dado como terminado em 1589, e inclui a versão pré-censurada do *Filodemo*. A versão impressa saiu em 1587 por Lopez, dois anos antes, pelo que o texto pré-censura teria de ter sido ali vertido até essa data, para haver coerência com as *Elusíadas*. Mas após a peça de Camões, nos ff. 269r a 286v, existem apenas mais nove fólhos, pelo que existe alguma incongruência no códice, ou nos trabalhos compilatórios de Luís Franco.

Moura afirma que é *irrelevante para o efeito a data histórica em que os textos tenham sido efectivamente copiados por Luís Franco. Podiam tê-lo sido até 1589, mas eram todos anteriores a 1578* (Moura 2004:1061). Seriam? É difícil afirmá-lo com tal certeza. Por isso, e uma vez mais, o testemunho deste códice também se afigura como não probatório quanto à datação do soneto.

VII – O Cancioneiro Fernandes Thomaz (FT)

Já no *Cancioneiro Fernandes Thomaz*, outra compilação importante para a poesia de Camões, o soneto não só vem atribuído explicitamente ao Poeta, *De Luis de Camoës, Soneto* – e inexistente atribuição divergente em qualquer fonte – como ocupa aquele lugar que se esperaria que ocupasse: o da última composição, no final do último fólho, onde figura como última palavra poética de Camões, ajustando-se na perfeição à data do eclipse de 1579 (Thomaz [1971]:174v).

Este cancionero reforça as suspeitas sobre a confusa ordenação dos fólhos no *Cancioneiro de Luís Franco*, ou sobre a hipotética ordenação cronológica dos poemas ali compilados. Embora tendo chegado ao presente em suporte material mais tardio, o texto de FT pode globalmente ser considerado o melhor texto superveniente, recolhido em fonte que antedata as lições corrompidas de LF e de CrB que, segundo Askins (*apud* Borges 1979:272), são dois testemunhos pertencentes à mesma família, *the same general source used by the Luis Franco collection has furnished the text to the compiler of [CrB]*.

Os dados da transmissão material do soneto atenuam a hipótese de o eclipse de Lisboa ser preferível ao de Goa, mas não chegam para infirmá-la.

VIII – A versão do Códice UCBG 324

Há, todavia, um outro testemunho deste soneto que, sendo embora silente quanto à datação ou localização do eclipse, é muito relevante para o percurso da transmissão textual desta composição:

Soneto

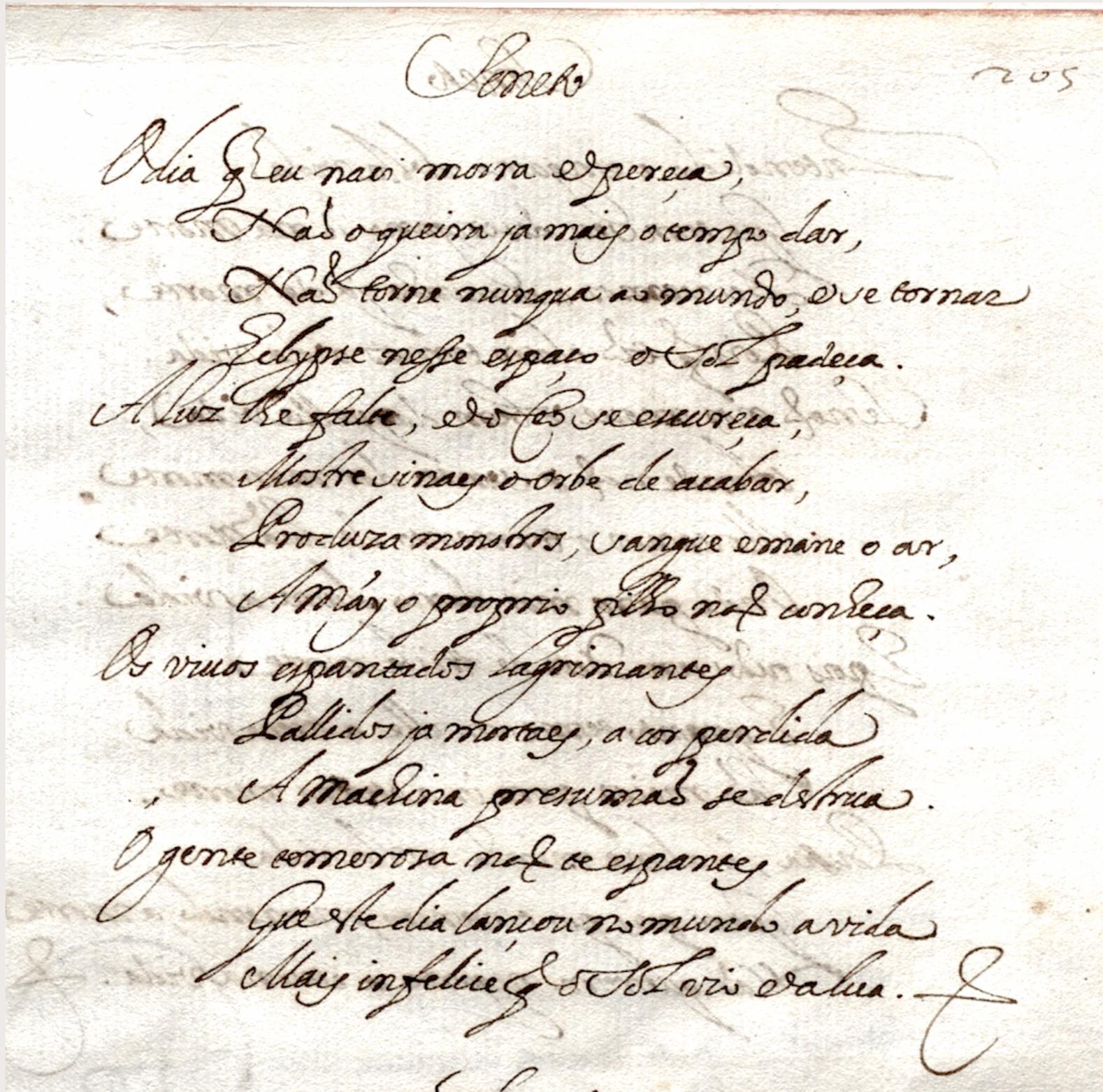
*O dia q̃ eu naci morra e pereça,
Não o queira ja mais o tempo dar,
Naõ torne nunca ao mundo, e se tornar
Eclipse nesse espaço o sol padeça.*

*A luz lhe falte, e o Ceo se escureça,
Mostre sinaes o orbe de acabar,
Produza monstros, sangue emane o ar,
A may o proprio filho não conheça.*

*Os viuos espantados lagrimantes
Pallidos ja mortaes, a cor perdida,
A machina presumaõ se destrua.*

*Ó gente temerosa não te espantes
Que este dia lançou no mundo a vida
Mais infelice q̃ o Sol vio e a lua.*

Esta variante do soneto corre anónima na coletânea de Coimbra, tendo o texto sido publicado por Silva numa nota de rodapé (1971:275n.91), sem o mínimo comentário e com imprecisões de leitura, como *mãy* no v. 8, por desconhecer o dígrafo *y* (Saavedra 2025:7). Em 1992, Silva voltaria a aludir a esta versão do soneto de UCBG 324 (Silva 1999:195n.16), de novo num rodapé e sem qualquer



comentário.

Gomes tomou o texto a Silva (Gomes 1985:166-167) e modernizou-o. Desta vez foram emitidos alguns considerandos e juízos de valor, ainda que carentes de fundamento, como já foi explicado acima.

Moura foi o terceiro editor (Moura 2004:1063). Também modernizou o texto e foi o primeiro a dedicar-lhe atenção crítica séria, mas padecendo da costumeira confusão: *Uma rápida análise do texto indicia que, salvo melhor opinião, se trata de um manuscrito bastante mais tardio, provavelmente elaborado já em pleno século XVII* (2004:1063). Pretender fazer coevo de uma cópia manuscrita o texto que ela reproduz é um abuso primário da crítica externa.

Um suporte não se vincula às datas dos textos nele compilados. Um manuscrito pode incluir textos pertencentes a qualquer época que lhe seja anterior, divergindo em séculos, ou mesmo em milénios, se, por exemplo, ali se inserir um trecho de *Job*. É por isso que, do ponto de vista da filologia e a da crítica textual, que não é o da codicologia, é irrelevante datar os códices, ou o fabrico dos papéis, as marcas de água, identificar as mãos dos copistas, ou localizar a oficina do encadernador.

De facto, no caso deste soneto, as lições mais fiáveis, quer seja a de *FT* quer a de *UCBG 32*, são as que subsistiram em testemunhos materialmente mais tardios, possivelmente da segunda metade do século XVII ou mesmo do início do século XVIII para o segundo, enquanto os textos irremediavelmente corrompidos são por casualidade os que foram transmitidos em códices de finais do século XVI, ou talvez cópia coeva no caso de *LF* (Saavedra 2025:2).

Quanto às convenções empregues na escrita, cada copista foi modificando a grafia conforme as

regras que seguia. Assim, *moura* poderá, ou não, ser anterior a *morra*, e da lavra do Poeta ou não, *nacy* a *nasci*, *pereşca* a *pereça*, etc., sendo meras variantes adiaforas. Tentar reconstituir a grafia original do autor, se é que ela também não evoluiu ao longo de décadas de escrita, na ausência de autógrafos é tarefa votada de antemão ao insucesso.

Doravante distinguiremos pelos *incipit* diferentes as duas versões, que passam a ser, respetivamente, o da versão primitiva *O dia em que eu nasci moura e pereça*, e o da versão final *O dia que eu nasci morra e pereça* (*naci* é variante do copista).

O dia que eu nasci morra e pereça acha-se omisso em Berardinelli (Camões 1980:391), edição supostamente exaustiva dos sonetos de Camões, e em Saraiva, que para *O dia em que eu nasci moura e pereça* ignora também *CrB* (Camões 1994:180), cuja leitura por Askins (Borges 1979:130) saíra já a público um ano antes da primeira edição da *Lírica Completa II* de Saraiva (1980:156). A segunda versão melhorada do soneto está igualmente em falta na edição do soneto por Perugi (Camões 2020:253-254). Estes três editores não colacionaram todos os manuscritos disponíveis, como se lhes impunha fazer.

Num episódio hoje superado, Silva tentou lançar alguma sombra sobre a autoria por Camões de *O dia que eu nasci morra e pereça*. Contudo, uma autoria não passa a ser *controversa* só porque um comentador, com base em *intuições* (Silva 1999:194) e nos *instintos* de Agostinho de Campos (Silva 1999:195), que reconhecidamente *não foi nenhum investigador especializado* (Silva 1999:194), quis fazer deste soneto mais uma composição a ser *atingida por qualquer dúvida crítica, infundada e estapafúrdia que fosse* (Pereira Filho, 1974:309).

Infundada, porque Silva justamente reconhece que *Não temos uma razão ou um argumento que nos autorizem a denegar, sem sombra de dúvida, a autoria camoniana do soneto* (Silva 1999:201); e estapafúrdia, porque além de *instintos* vários, o impugnador somente aduz um duvidoso *argumentum ex silentio* pela não inclusão do soneto nas edições seiscentistas (Silva 1999:200-201), cujos editores, contudo, apenas por hipótese teriam tido acesso aos manuscritos onde ele figura. O mesmo Silva que salientara *mais uma vez, a pouquíssima ou nenhuma confiança que merece Faria e Sousa como editor de Camões* (Silva 1999:71), não hesitou em servir-se do pombeirense, erigido desta feita em editor probo, para ensombrar a autoria por Camões do soneto com uma possível exclusão intencional do *corpus* sousiano. *Do que se conclui que Faria e Sousa só serve, quando convém*, como observou Jorge de Sena (Sena 1980.II:173).

Para remate consentâneo, Silva propôs uma lição do texto modernizado (Silva 1999:203) na qual figura, entre outros desacertos, o erróneo *rostro* (v. 10) de *LF* e de *CrB*, e não o correto *rosto* de *FT*. Em toda a obra de Camões apenas se encontra o vocábulo português, exceto, claro está, na versão do *Auto de Filodemo* por *LF*, grande castelhanizador de Camões; obviamente que na versão de Lopez (1587) se encontra o *rosto* original, em todas as quatro ocorrências (150r, 157v, 159v, 162v).

Perugi usou como texto base para a edição crítica deste auto a lição de *LF* e não a de Lopez (Camões 2018:136), sem se dar conta da imensa corrupção daquela (Saavedra 2025:2). E daí ter retido, com pouca fortuna, o erróneo *rostro* nas quatro instâncias, que Camões nunca grafou.

O mesmo Perugi, também editor dos sonetos de Camões (algo que aqueles que puseram em dúvida a autoria por Camões desta composição nunca o foram), com base no estudo da tradição manuscrita acolheu a primeira versão do soneto na restritíssima edição de apenas 172 espécies que propôs (Camões 2020:253-254), declarando creditada definitivamente a Camões a autoria da composição: *confermando in via definitiva l'attribuzione esplicita [a Camões] di F[ernandes] T[homaz]* (Camões 2020:79).

Se o pesquisador transalpino andou bem nesta inclusão, andou mal quando, para a edição crítica do célebre soneto, e tal como fizera com o auto, tomou como texto base a versão deficiente, neste caso as lições adiaforas de *LF*, sem dúvida o pior testemunho entre todos eles, com traços artificiais e posições de arcaísmo e de medievalismo ortográfico, devidos mais à ignorância da língua portuguesa pelo copista, cuja língua materna aparenta ser o castelhano, do que à pretensa fidelidade ao original do Poeta.

O texto mais fiável da versão inicial do soneto é o que está recolhido em *FT*. Tem-se escamoteado este facto devido a um vício de escola que tende a sobrevalorizar os aspetos materiais da transmissão (testemunhos do século XVI) em desfavor dos textuais, afinal os únicos relevantes. E também pela mesma razão o responsável pela edição genebrina negligenciou *O dia que eu nasci morra e pereça*, que ele deveria ter apresentado lado a lado com o texto primitivo, em atenção aos ensinamentos da *critica delle varianti d'autore* de Gianfranco Contini, seu mestre em filologia. Pois seria mester reconhecer, com Contini, que um Petrarca, ou um Camões, bem pode, em um segundo momento, ser *toccato da un miglior fuoco apollineo* (Contini 1970:11).

Inquinado *ab ouo*, o texto proposto por Perugi para este soneto não satisfaz. Onde foi o editor buscar o til (-) de *mãy* no v. 8, que inexistente em qualquer

dos três sinópticos, e até mesmo em *UCBG 324* (apesar de, como já vimos, também Silva se ter deixado equivocar pelo dígrafo, que desconhecia)? Ou por que motivo adotou no v. 13 a forma *que este* de *LF*, em lugar da crase *queste* (e não *Queste*, como escreveu no aparato), que se lê em *CrB*, e que a métrica exige?

Uma nova edição crítica do soneto procurará sanar as deficiências desta proposta, apresentando as duas variantes lado a lado e tendo em conta que *FT* deverá servir de texto base por apresentar a lição mais limpa para a versão inicial.

Se há soneto que é seguramente da autoria de Camões, com a máxima certeza possível nestes casos, é justamente *O dia em que eu nasci moura e pereça*. Os indicadores de autoria são insofismáveis: está atribuído implicitamente ao Poeta pelos blocos em que se integra em *CrB* e em *LF*; tem nota marginal em *LF*, rezando *Cam[ões] / não anda [impresso]*; tem atribuição explícita em *FT*; e, tão ou mais importante, não foi jamais creditado a qualquer outro poeta nas fontes, sendo muito comuns, mesmo no caso de composições de Camões bem conhecidas, as múltiplas atribuições divergentes. Por fim, não existem em *O dia em que eu nasci moura e pereça* ideias destoantes ou expressões incompatíveis com as de Camões.

IX – Melhor a emenda do que o soneto

Silva, como já foi referido, nada disse sobre a autoria do soneto de *UCBG 324*, mas Askins não rejeitou a hipótese de ele ser ou a versão inicial, ou a final, desta composição de Camões: *Whether these be early or late, by Camões or by others, is debatable* (Borges 1979:272). Como é habitual entre os poetas, Camões refazia constantemente os seus poemas, prática que hoje causa não poucos embaraços aos editores. Contudo, dadas as muitas emendas e melhoramentos efetuados em relação ao texto sinóptico de *FT-CrB-LF*, a versão de *UCBG 32* de *O dia que eu nasci moura e pereça* terá de ser posterior àquele. E não demasiado, pois se o eclipse for o de 1579 Camões não lhe sobreviveu por longo tempo. Já sendo o eclipse de Goa de 1561, a distância entre os textos poderia ser maior.

Em todo o caso, não terá sido necessária uma grande distância temporal para o poeta se aperceber das falhas da primeira tentativa, porque a segunda versão, mais do que refletir uma mudança estética ou de gosto sobrevinda após longos anos de criação poética, visou sim corrigir vícios formais de que a primeira versão enfermava. Por isso, uma *melhor opinião* do que a de Moura é a de que o segundo texto em ordem cronológica (que não é um *texto segundo* em termos poéticos), não só está longe de ser *bastante mais tardio*, como saiu da pena do

próprio Poeta, e pouco após a composição da primeira versão (fosse ela de 1561 ou de 1579).

Habitados à versão primitiva e vulgarizada dos sinópticos, os críticos não têm sabido apreciar devidamente a versão final do Autor, ou têm-na atribuído a *uma intervenção tão profunda do copista* (Moura 2004:1065). Os copistas fazem emendas na grafia das palavras, não recompõem versos inteiros, algo que só um poeta poderá fazer.

Para estabelecer em moldes críticos a autoria por Camões da versão emendada de *O dia que eu nasci moura e pereça*, há que ponderar a magnitude e sobretudo a qualidade das alterações que foram introduzidas na passagem do texto de *FT-CrB-LF* para *UCBG 324*. Algumas dessas emendas já foram comentadas por Moura, porém com o intuito inverso de desvalorização da versão ulterior. Outras serão aqui analisadas pela primeira vez:

1 – *dia que* – Salgado Júnior advertiu para a conveniência da supressão do *em* no v. 1 (Camões 1988:904:161), emenda que finalmente ocorre na segunda versão; tenha-se em vista a maior frequência em Camões de *dia que* do que de *dia em que*.

3 – *nunca* – evitando a repetição de *já mais*, no v. 2, e *mais* no v. 3.

3 – *mundo* – são quatro ocorrências, nos vv. 3, 6, 11 e 13; a segunda versão manteve *mundo* no v. 3 e no v. 13, mas substituiu-o por *orbe* no v. 6 e por *machina* no v. 11 (Moura 2004:1064 escreve no v. «2»).

4 – *nesse espaço* – em *FT* também se lê *nesse espaço*, mas em *LF* e *CrB*, parentes pobres da transmissão do texto sinóptico, acha-se *nesse passo*, que é uma forma suspeita: em *Os Lusíadas*, nas duas vezes em que *passo* surge combinado com o demonstrativo, Camões usa a forma proximal *neste* e não a medial *nesse*, e se é certo que na primeira a expressão ocorre num contexto de presente narrativo, *Mas neste passo assi promptos estando, OL.VI.70,1*, o que poderia justificar aquela escolha, na segunda ela já surge num contexto de uso do pretérito: *Mas neste passo a Nimpha o fom canoro / Abaxando fez...* em *OL.X.22,1-2*. É, pois, duvidoso que Camões articulasse *passo* com *nesse*.

Mas o facto é que a corrupção não está em *nesse*, abonado universalmente em todos os quatro testemunhos: a perda do termo original deu-se em *espaço*.

Saa tomou *passo* como garantia da exatidão do vocabulário astronómico manejado pelo autor de *Os Lusíadas* (Saa 1941:22-23;90;96;238;242). Ora em *Os*

Lusíadas o sentido de *passo* é o de um grau no movimento das esferas celestes: *Que em quanto Phebo, de luz nunca escasso / Duzentos cursos faz, da elle hum passo*, OL.X.86. Portanto, cada passo do Sol para Camões dura o equivalente a duzentos anos, e não a duração que Saa repetidamente lhe empresta: *o chamado «passo» do Sol vai do meio dia ao meio dia seguinte* (Saa 1941:22), também perfilhado por Simões (Simões 2024b:6'58-7'30). Veja-se o comentário de Dias a Pedro Nunes: *Cam. arredonda o numero de grãos, quando diz que no espaço de 200 annos solares o Crystallino anda um passo ou grão*, (Camões 1918:259).

E se bem que Saa estivesse certo em aludir à tecnicidade e rigor astronómico do vocábulo usado por Camões, o que o Poeta realmente escreveu não foi *passo*, mas *espaço*. Moura também dissertou, mais filosoficamente, sobre a alegada passagem do *passo* a *espaço*, segundo ele uma *variante intencional* (Moura 2004:1064). A passagem que existiu foi, ao invés, de *espaço* a *passo*, e por erro do copista, intencional isso sim.

A palavra latina *spatium*, que derivou no português *espaço*, é polissémica. Entre as aceções que interessam para Camões estão:

a) um *período de tempo* (Glare 2016:1983, *spatium*, 8), como é empregue em OL.I.91,8; OL.III.56,2; OL.III.114,2; OL.III.133,8; OL.V.31,3; OL.VI.86,6, etc., e abundantes exemplos na lírica, tal o célebre: *Alli vi o mayor bem, / quão pouco espaço que dura*, (Camões 1595:135r).

b) *vagar*, ou *lentidão*, que Camões usa em OL.VIII.24,2 ao conferir o sentido de *devagar* a *de espaço*, como o castelhano de *despacio*: *Rotos, cos outros dous, e não de espaço*; Epifânio interpretou mal este *não de espaço* como *seguidamente* (Camões 1918:112,ad.loc), pois o sentido do verso é: tal como os outros dois reis mouros, os reis de Córdova e Sevilha foram desbaratados *rapidamente* (e não *devagar*), e não que eles foram desbaratados *em seguida*.

c) e, por fim, o sentido de *spatium / espaço* em que Camões realmente empregou aqui o termo, conforme se comprova nas melhores lições textuais, *FT* e *UCBG 324*: o de *trajeto ou movimento* dos corpos celestes, *the course or track (of a celestial body)* (Glare 2016:1982, *spatium*, 1c, abonado em Cícero e em Germânico), ou seja: *que o sol no seu percurso sofra um eclipse*.

A forma espúria que apareceu em *LF* e *CrB* deveu-se a que o escriba, pouco latinista e ignorando o sentido astronómico que Camões dera a *espaço*, banalizou a palavra para *passo*, valendo aqui a regra *lectio difficilior potior*.

E é o facto de Camões ter grafado *espaço* tanto na versão inicial do soneto como na final, que vem comprovar definitivamente, *ut si necesse esset*, a fiabilidade do texto de *FT*. Em sentido recíproco, também a presença de *espaço* credibiliza a versão minoritária de *UCBG 324*.

7 – *produza monstros* – para evitar a repetição do verbo *nascer*, já usado explicitamente no v. 1, e implicitamente no v. 8.

7 – *emane* – lapso de copista, o *usus scribendi* de Camões requer *sangue mane*, que seriam aqui sinónimos.

8 – *conhecer o filho* (não *ao filho*) – na segunda versão foi eliminado o castelhanismo, que, além de ser erro em português, inexistente em Camões; com esta correção não há criação de *bidirecional ambiguidade* (Moura 2004:1064), o que há é apenas desconhecimento por parte dos comentadores que Camões nesta passagem traduz *Jeremias 20.17* (v. p. 37 acima).

9 – *lagrimantes* – regista-se *lagrimosa* em Camões 1598:129r, que substitui com vantagem *ignorantes*, pouco adequado à situação descrita.

9 – *espantados* – por coerência com *não te espantes* do v. 12; é preferível a *pasmadas*, que supunha uma suspensão de movimento.

10 – *pessoas* – infeliz neste contexto, vantajosamente substituídas por *vivos*: *Que a viuos medo, & a mortos faz espanto* OL.III.103.8; *Dous inimigos vencem, hūs os viuos, / (E o que he mais) os trabalhos excessiuos*. OL.X.151.7-8; *que para os viuos ouueffe / o refugio aparelhado*, Lopez 1587:100r.

10 – *Pallidos[,] ja mortaes* – sem a vírgula o verso produz um efeito de aceleração do tempo narrado, mas talvez ela devesse ser colocada; reforça *a cor perdida*, que vinha da primeira versão, por referência ao *pallor mortis* figurado, já que os vivos estão mortos de medo.

11 – a *machina* (do mundo) – termo e motivo próprios do repertório de Camões, embora não exclusivos dele.

11 – *se destrua* – reforça e presentifica a ameaça, que o uso do pretérito perfeito na versão primitiva atenuava, e transforma uma rima pobre, *viu/destruiu*, que em *LF* se grafou *destruiu/vyo*, mas que foi castelhanizada em *FT* para *destruiuó/vió*, e até se perdeu por completo em *CrB*, *he destruido/vio*, em rima rica, *destrua/lua*.

14 – *o sol viu[,] e a lua* – a referência à máquina do mundo três versos acima, em cujas esferas se situavam os planetas, conjugada com as menções ao sol e à lua na conclusão do soneto, gera uma bem conseguida coerência semântica com o tema astral do eclipse.

A versão corrigida tem, portanto, méritos poéticos próprios, e é fruto do estro de um poeta maior, não de um amanuense coprador de manuscritos. Pelo contrário, a versão vulgarizada enferma de demasiadas tautologias, reiterações e redundâncias, devidas ao paroxismo em que o Poeta vivia em fevereiro de 1579, ou em todo o caso no momento em que aqueles versos lhe saíram da pena. Ainda assim, a uma primeira leitura ou audição o leitor comum não se apercebe delas, e também aí está a marca de um grande poeta. Só Camões poderia ter composto um soneto que, apesar de apressadamente acabado, obteve um tamanho sucesso, comprovado por três presenças em manuscritos.

X – *Sábado, dia de Saturno*

Procurando reforçar a hipótese gorada de o nascimento de Camões ter ocorrido a 23 de janeiro de 1524, Mário Saa argumentou, com bases textuais, que Camões teria nascido a um sábado (Saa 1941:63-69), um dado que ele então articulou com a data que propunha, ocorrida nesse dia da semana. Aceitando-se mais esta condicionante, a que Simões confere grande relevo (Simões 2024a:108-109), constatamos que o dia do eclipse de Lisboa de 1579, 25 de fevereiro, caiu igualmente a um sábado, desta feita no ano de 1525 (Calendários s/d):

Local e ano do eclipse	Dia	Sábado
Marrocos e Espanha, 1525	23 de janeiro	1524
Lisboa, 1579	25 de fevereiro	1525

A inclusão da variável do dia da semana reforça a indicação de 1525, em detrimento de 1524. Mas existem outras razões pelas quais 1525 parece ser preferível ao ano anterior. A Armada da Índia partiu invulgarmente tarde em 1550, já no mês de maio (Paes 1650:55), e sem Camões. As entrevistas e incorporações eram feitas quase à boca do embarque, pois recebia-se uma significativa soma a título de adiantamento: *como sabeis pagão soldos e moradias adiantadas, com outras merçezzinhas* (Camões 2022:13). Não conviria que nesse meio tempo, entre

recrutamento e largada, houvesse grande folga para arrependimentos, ou para *desaparecimentos*, ou que a paga fosse dilapidada nas costumeiras baiucas de perdição, os cabarés do vício que Camões frequentou e satirizou, e onde já se cantava um remoto antepassado do fado. De facto, é insólito que nos locais onde a soldadesca e a marinhagem acorriam para se saciar de todo o tipo de desenfadamentos, dando largas a furores genésicos, proclividades para a violência, dependências de narcóticos, ludopatias e demais instintos pícaros, as artistas presentes cantassem pungentes e lagrimosas jeremiadas (Camões 2022:101). Foi esta mistura de diversão com contrição e melancolia, nos prazeres noturnos do submundo de Lisboa, que seria mais tarde documentada sob a forma de *fado canalha*.

Também pelas *borddeeltjen* da época se sabe que a música e o canto eram omnipresentes nos bordéis de Amsterdão, ignorando-se se o tom dos cânticos era festivo ou melancólico, mas talvez alguma carta de marinheiro ou soldado, como a famosa carta de Camões *Por que nem tudo seja falar-vos de siso*, possa lançar luz sobre o assunto: *e manda tanger e cantar a Snoña Barbora, descantando sobre o Monte de Sion, et de super Judeaorum turbam* (Camões 2022:12), o mesmo é dizer, *cantava acompanhada à viola, evocando os prantos de Jeremias sobre o Monte de Zion pelas desditas do povo judeu*. Outra referência de Camões, agora numa carta em prosa, àquele mesmo profeta que lhe inspirara o soneto, que desejara ficar eternamente dentro da mãe dele.

Quanto ao próprio Camões, que nasceu involuntariamente, como todos os homens nascem, se tivesse vindo *de novo ao mundo* no final de fevereiro de 1525, mês para o qual aponta o soneto lido à luz das tabelas dos eclipses, teria de declarar na entrevista de incorporação, feita antes da efetiva partida da Armada em maio, porém já bem após fevereiro de 1550, que contava 25 anos completos, exatamente como o fez, e não os 26 que forçosamente contaria se o nascimento tivesse ocorrido em 1524.

XI – *Conclusões*

Esta indagação sobre o dia do nascimento de Camões, datável a partir de um texto poético, procurou contribuir com algumas observações e notas que a obra de Mário Saa sobre este tema suscita, a pretexto da retoma das teses de 1941 por parte de Carlota Simões, recente propugnadora da tese frustrada de o dia 23 de janeiro corresponder à data procurada. Se bem que as conclusões de Saa e de Simões careçam de sustentação astronómica e biográfica, a premissa de que

aquele partiu, o interessante estudo que dela resultou, e a reabertura do debate por Simões merecem reflexão.

Estudou-se então o soneto a que Saa recorreu para abono da data proposta, que subsiste em versão inicial e em versão corrigida, abrangendo os quatros testemunhos que o conservam, bem como a mais recente edição da versão inicial por Perugi. A autoria de ambas, *pace* Moura, foi devolvida a Camões.

Foi também destacada a presença de *Jeremias* em dois textos de Camões, incluindo um em prosa epistolar, referência indispensável para a exegese do v. 8, *a mãe o próprio filho não conheça*, mas que, ao contrário do que Saa sugeriu, não guarda relação com a *materna sepultura* da chamada canção autobiográfica. Jeremias foi um profeta muito caro a Camões, ou não chamasse São Jerónimo ao salmo *Super flumina Babylonis*, glosado pelo Poeta em *Sobre os rios que vão, Psalmus David, Jeremiae*, ou seja, um salmo de David dedicado a Jeremias (Vulgata 1544:299; cf. Fleming 2017:40).

O que torna ímpar o soneto de Camões sobre o dia em que ele nasceu é a fidelidade à inspiração bíblica e ao *pathos* que dela emana. Dificilmente poderá esta composição ser tida por um exercício inconsequente de virtuosismo poético, ou por uma artificiosa paráfrase bíblica composta por desfastio, em momentos de sereno ócio. Ou sequer por produto mercantil de encomenda de terceiros, ou mesmo por fruto amargo de um fracasso amoroso. Antes lateja de emoção, e aponta para a real ocorrência do fenómeno celeste do eclipse num dia de aniversário de um Camões profundamente deprimido e em autonegação. Dando-se aquela notável coincidência, o Poeta achou no livro profético e no sapiencial as passagens que lhe puderam servir de mote e de arranque para o soneto.

No estado atual das pesquisas, e enquanto se aguarda o achado de novas informações na copiosa documentação ainda por compulsar, afigura-se que a data mais provável para situar o nascimento de Camões, de acordo com o soneto aqui comentado, seja o dia 25 de fevereiro de 1525:

Luís Vaz de Camões, 25.02.1525?-10.06.1580?



Fontes manuscritas

- AA.VV. (1598) [Liuro de sonetos, & octauas de diuercos auctores](#), [Anno?] D[omini?] 1598.
- AA.VV. (>1639) [[Textos literários e jocosos](#), em prosa e em verso, sermões, correspondência vária, prognósticos fantasistas, decretos reais, etc.], Cód. BNP 4565.
- AA.VV. (>1639) [[Papéis vários](#)] Coimbra: Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, Cód. UCBG 324.
- Borges, Cristovão, prop. (>1578) [[Cancionero de Cristovão Borges](#)], Madrid: Real Academia Española, Cód. RM 6767. || (1979) *The Cancioneiro de Cristóvão Borges (1578)*, edition and notes by Arthur Lee-Francis Askins, Braga: Barbosa & Xavier.
- Couto, Diogo do (<1616) [Década oitava da Ásia que contém o tempo do Vice rei Dom Antão de Noronha e do Vice rei Dom Luís de Ataíde, senhor da Casa de Atougua, ano 64](#), Madrid: Biblioteca Nacional de España, Cód. Mss/2980.
- Franco Correa, Luís, comp. (1589) [Cancioneiro emque uaõ obras dos milhores poetas demeu tempo ainda não empresas e tresladas de papeis da letra dos mesmos que as composeraõ](#) comessado na india a 15 de ianeiro de 1557. e acabado em lx.a em 1589 per luis franco correa companheiro em o estado da india emuito amigo de luis de Camoens || (1972) [facsimile] Lisboa: Comissão Executiva do IV Centenário da Publicação de «Os Lusíadas».
- Paes, Simão Ferreira, comp. (1650) *Recopilação das famosas armadas que para a India foram desde o anno em que se principiou sua gloriosa conquista*, nomes das embarcações, dos capitães, governadores e vice-reis, capitães móres, almirantes e cabos que as navegaram, e sucessos que tiveram até o anno de 649 || (1937) [facsimile] Rio de Janeiro: Ministério da Marinha.
- Thomaz, Fernandes, prop. ([1971]) [[Cancioneiro Fernandes Tomás](#)] *Flores várias de diversos autores Lusitanos* || (1971) [facsimile] Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia.
- Varejão, Pedro Alvarez, comp. (c.1615) [Códice Varejão](#), [Textos literários em prosa e em verso e várias cartas], Cód. BNP 9492.

Referências

- AA.VV. (2007) *Brill's New Pauly, Encyclopaedia of the Ancient World*, Antiquity Volume 11 (PHI-PROK), Leiden/Boston: Brill.
- Almeida, Isabel Adelaide Penha Dinis Lima (2024) [Camões, o príncipe dos Poetas](#), RTP Ensina (vídeo).
- Almeida, João Ferreira Annes de (1819) [1748-53] [A Bíblia Sagrada, contendo o Novo e o Velho Testamento](#), traduzida em portuguez pelo padre João Ferreira d'Almeida, ministro pregador do Sancto Evangelho em Batavia, Londres: impresso na Officina de R. e A. Taylor.
- Ariosto, Ludovico (1535) [Il negromante](#). Commedia di messer Ludovico Ariosto, Stampata in Vinegia per Maestro Bernardino Venitiano Di Vidali.
- Avelar, André do (1585) *Reportorio dos tempos, o mais copioso que ate agora sahio a luz, conforme à noua reformation do sancto Padre Greg. XIII. Anno 1582*. Feito por Andre do Avellar. natural de Lisboa. Dirigido ao illustrissimo senhor dom Manoel de Castelbranco. Chegão as taboas dos Lunarios, & Eclipses, ate o ano de 1610. Com licença. Impresso em Lisboa por Manoel de Lyra. Anno de 1585. Com Priuilegio Real, por dez annos. Taxado a rees em papel. || 2ª edição (1590) [Reportorio dos tempos o mais copioso que ate agora saio a luz conforme à noua reformation do sancto Papa Gregorio XIII](#), feito por Andre d'Auellar natural de Lisboa. Nesta segunda impressam reformado e acrescentado pelo mesmo Author, com hum tractado do Prognostico da mudança do ar, & algũs principios que tocão, assi a Philosophia natural, como à Astrologia rustica, & com huas breues, mas mui compendiosas regras para as sementeiras, & cultura dos aruores, & criação dos animaes [Lisboa]: Impresso com licença, por manael de Lyra. Anno de 1590. A custa de Simão Lopez mercador de liuros. Com priuilegio Real por dez annos. Taxado a dous tostões em papel.
- Bartolomeu, Ana & Karine Paniza (2025) ["Ler Camões" assinalou dia de aniversário do poeta](#), *Notícias Universidade de Coimbra*, 24.01.
- Bismut, Roger (1980) Les compositions poétiques camoniennes du 'Cancioneiro Luís Franco Corrêa', AA.VV., *Arquivos do Centro Cultural Português XV*, Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 25-109.
- Bochicchio Maria (2012) Camões e Pedro da Costa Perestrelo: aspetos da inspiração bíblica no maneirismo português, AA.VV. *Camões e os contemporâneos*, Braga: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, Universidade dos Açores, Universidade Católica Portuguesa, 233-239.
- Boscán, Juan (1543) [Las obras de Boscan y algunas de Garcilasso de la Vega repartidas en quatro libros](#). Plus Ultra. Plus Ultra. Cum privilegio imperiali. Carles Amoros.
- Calendários (s/d) [Calendários perpétuos](#), [tabelas para o cálculo dos dias da semana].
- Camões, Luís de (1563) Ao Conde do Redondo, visio Rey da India, [epístola de] Luis de camoës, Garcia de Orta, [Coloquios dos simples, e drogas he cousas medicinaes da India](#), e assi dalgũas frutas achadas nella onde se tratam algũas cousas tocantes a mediçina, pratica, e outras cousas boas, pera saber cõpostos pello Doutor garçia dorta: fisico del Rey nosso senhor, vistos pello muito Reuerendo senhor, ho liçenciado Alexos Diaz: falcam desembargador da casa da supricaça inquisidor nestas partes. Com priuilegio do Conde visio Rey. Impresso em Goa, por Ioannes de endem as x. dias de Abril de 1563. annos, IVv-Vv.
- Camões, Luís de (1572) [Os Lusíadas de Luis de Camões](#), com privilegio real. Impreflos em Lisboa, com licença da sancta Inquilição, & do Ordinario em cafa de Antonio Gõçaluez Impreflor. 1572.
- Camões, Luís de (1595) [Rhythmas de Luis de Camoes](#), Diuididas em cinco partes. Dirigidas ao muito Illustre senhor D. Gonçalo Coutinho. Impreflas com licença do supremo Conselho da geral Inquilição, & Ordinario [ed. de Fernão Rodrigues Lobo Soropita]. Em Lisboa, Por Manoel de Lyra, Anno de M. D. Lxxxxv. A cufta de Esteuão Lopez mercador de libros.
- Camões, Luís de (1598) [Rimas de Luis de Camões](#), Acrescentadas nesta segunda impressão. Dirigidas a D. Gonçalo Coutinho. Impreflas com licença da sancta Inquilição [ed. de Estêvão Lopes]. Em Lisboa. Por Pedro Crasbeeck, Anno de M.D.XCVIII. A cufta de Esteuão Lopez mercador de libros. Com Priuilegio.
- Camões, Luís de (1613) [Os Lusíadas do grande Luis de Camões. Principe da Poesia Heroica](#), Commentados pelo Licenciado Manoel Correa, Examinador synodal do Arcebispado de Lisboa, & Cura da Igreja de S. Sebastião da Mouraria, natural da cidade de Elvas. Dedicados ao Doctor D. Rodrigo d'Acunha, Inquifidor Apoftolico do Sancto Officio de Lisboa. Per Domingos Fernandez seu Liureyro. Com licença do S[ancto] Officio, Ordinario, y Paço [ed. de Pedro de Mariz]. Em Lisboa. Por Pedro Crasbeeck. Anno 1613 Eltã taxado este liuro em 320 reis em papel.
- Camões, Luís de (1639) *Lusíadas de Luis de Camoens, Principe de los Poetas de España*. Al Rey N. Señor. Felipe Quarto el Grande. Comentadas por Manuel de Faria i Sousa, Cavallero de la Orden de Chrito, i de la Cafa Real, Contienen lo mas de lo principal de la Historia, i Geografia del mundo; i singularmente de España: Mucha politica excelente, i Catolica: Varia moralidad, i doctrina; Aguda, y entretenida fatira en comun à los vicios: I de profesion los lances de la Poesia verdadera i grave: I fu mas alto, i folido penfar. Todo fin falir de la idèa del Poeta. Primero i Segundo Tomo. Año 1639. Con Priuilegio, En Madrid, por Ivan Sanchez. A costa de Pedro Coello, Mercader de libros. || Al Rey N. S. Felipe IV (...)

Todo fin falir un folo punto de la idea del altísimos Poeta. Tomos Tercero i Quarto (...) Iuan Sanchez, impressor.

- Camões, Luís de (1685) [Rimas Varias de Luis de Camoens, Principe de los poetas heroycos, y Lyricos de España](#). Ofrecidas al muy ilustre Señor D. Ivan da Sylva, Marquez de Gouvea, Presidente del Dezembargo del Paço, y Mayordomo Mayor de la Casa Real, &c. Commentadas por Manuel de Faria, y Sousa, Cavallero de la Orden de Christo. Tomo I. y II. Que contienen la primera, segunda, y tercera Centuria de los Sonetos. Lisboa, con privilegio real. En la Imprenta de Theotonio Damafo de Mello Impressor de la Casa Real. Con todas las licencias necessarias. Año de 1685.
- Camões, Luís de (1860) [Obras de Luiz de Camões](#), precedidas de um ensaio biographico no qual se relatam alguns factos não conhecidos da sua vida, aumentadas com algumas composições ineditas do Poeta, ed. do Visconde de Juromenha, vol. I, Lisboa, Imprensa Nacional.
- Camões, Luís de (1861) [Obras de Luiz de Camões](#), precedidas de um ensaio biographico no qual se relatam alguns factos não conhecidos da sua vida, aumentadas com algumas composições ineditas do Poeta, ed. do Visconde de Juromenha, vol. II, Lisboa, Imprensa Nacional.
- Camões, Luís de (1866) [Obras de Luiz de Camões](#), precedidas de um ensaio biographico no qual se relatam alguns factos não conhecidos da sua vida, aumentadas com algumas composições ineditas do Poeta, ed. do Visconde de Juromenha, vol. V, Lisboa, Imprensa Nacional.
- Camões, Luís de (1918) [Os Lusíadas de Luís de Camões](#), commentados por Augusto Epiphany da Silva Dias, Segunda edição melhorada, tomo II, Porto: Companhia Portuguesa Editora.
- Camões, Luís de (1963) [Luís de Camões, obra completa em um volume](#), organização, introdução, comentários e anotações do Prof. Antônio Salgado Júnior, Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar S/A, col. «Biblioteca Luso-Brasileira, Série Portuguesa» [reimp. em 1988].
- Camões, Luís de (1980) [Sonetos de Camões](#), Corpus dos sonetos camonianos, ed. de Cleonice Serôa da Motta Berardinelli, Braga: Barbosa & Xavier, col. «Textes - II».
- Camões, Luís de (1994) [Luís de Camões, Lírica completa II](#), ed. de Maria de Lourdes Saraiva, 2.a ed. revista, Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda.
- Camões, Luís de (2018) [Comédia 'Filodemo'](#), edizione critica a cura di Maurizio Perugi, Genebra: Centre International d'Études Portugaises.
- Camões, Luís de (2020) [La lirica di Camões. 1. Sonetti](#), edizione critica a cura di Maurizio Perugi, Genebra: Centre International d'Études Portugaises.
- Camões, Luís de (2022) [Epistolário magno de Luís de Camões](#), Volume I, Celestina em Lisboa, Edição crítica, analítica e comentada por Felipe de Saavedra, Amadora: Canto Redondo
- Camões, Luís de (2024) [Aquileida, a Trilogia de Aquiles, e mais onze odes de Luís de Camões: nova edição integral e ilustrada](#) por Felipe de Saavedra, Macau: Rede Camões na Ásia & África.
- Canoa, José Carlos (2025) [Mário Saa camonista](#), Luís de Camões, diretório de camonística da RCnA&A, 12.01.
- Castro, cónego Joaquim Mendes de (1973) [Versão medieval inédita do Livro de Job](#), Didaskalia III, 83-132.
- Chaves, Jerónimo de (1554) [1548] [Chronographia o reportorio de los tiempos](#) el mas copioso y preciso q[ue] haifa agora ha falido a luz. Cõpuesto por Hieronymo de Chaues: y agora nueuamente añedido. [còlofon: ...] Acabofe a veynte dias del mes de Junio, del año de mil y quinientos y cinquenta y quatro.
- Contini, Gianfranco (1970) [Varianti e altra linguistica, Una raccolta di saggi, \(1938-1968\)](#), Torino: Giulio Einaudi.
- Costa, Adalgisa Botelho da (2001) [O Reportorio dos tempos de André do Avelar e a astrologia em Portugal no século XVI](#), Dissertação de mestrado em História da Ciência, São Paulo: Pontifícia Universidade Católica.
- Costa, Adalgisa Botelho da (2004) O 'Reportório dos tempos' de André do Avelar e a história da astrologia em Portugal no século XVI, AA.VV. [Filosofia e história da ciência no Cone Sul: 3º Encontro](#), Campinas: Associação de Filosofia e História da Ciência do Cone Sul, 1-7.
- Crasbeeck, Lourenço (1626) Carta a Dom Ioam d'Almeida do Concelho delRey nosso Senhor, [Os Lusíadas de Luys de Camoens](#), Cõ todas as licças necessarias, Em Lisboa: Por Pedro Crasbeeck Impressor delRey, An. 1626, IIIv-IVr.
- Curtius, Ernst Robert (2013) [European Literature and the Latin Middle Ages](#), translated from the German by Willard R. Trask, with a new introduction by Colin Burrow, Princeton, New Jersey: Princeton University Press.
- Eratosthenes and Hyginus (2015) [Constellation Myths with Aratus's 'Phaenomena'](#) translated with an Introduction and Note by Robin Hard, Oxford: Oxford University Press, «Oxford World's Classics».
- Ferreira, António (1598) [Poemas lusitanos do Doutor Antonio Ferreira](#). Dedicados por seu filho Miguel Leite Ferreira, ao Principe D. Philippe nosso senhor. Em Lisboa. Impresso com licença, Por Pedro Crasbeeck. M. D. XCVIII. Com Priuilegio. A culta de Esteuão Lopez Liureiro.
- Fleming, John Vincent (2017) [Luís de Camões, The Poet as Scriptural Exegete](#), Woodbridge, Suffolk: Tamesis.

- Gernert, Folke (2021) *Divination on stage, Prophetic body signs in early modern theatre in Spain and Europe*, Berlin/Boston: Walter de Gruyter.
- Glare, Peter (2016) *Oxford Latin Dictionary*, edited by Peter G. W. Glare, second edition reprinted with corrections, Oxford: Clarendon Press.
- Gigliucci, Roberto (2016) O dia em que eu nasci, moura e pereça, [Comentário a Camões](#), vol. 4, Genève: Centre d'Études Lusophones & Coimbra: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, 39-44.
- Gomes, João Carlos Teixeira (1985) *Gregório de Matos, o boca de brasa (um estudo de plágio e criação intertextual)*, Petrópolis, RJ: Vozes.
- Gomes, Josué Pinharanda (2013) «As memórias astrológicas de Camões» uma leitura aligeirada, Manuel Cândido Pimentel & Teresa Dugos, orgs., *Mário Saa: poeta e pensador da razão matemática*, Lisboa: Universidade Católica Editora, 101-114.
- Góngora y Argote, Luis de (1628) [Obras de D. Lvis de Gongora](#) Reconocidas i comunicadas con el Por D. Antonio Chacon Ponce de Leon Señor de Poluoranca, Al Exc[elentisi]mo Señor D. Gaspar de Gvzman Conde de Olivares, Dvque de Sanlvcar la Maior, Marques de Heliche, de los Consejos de Estado. i Guerra de su Mag[estad] i su Cauallerizo maior. Comendador maior de Alcantara, Canciller maior de las Indias, Capitan general de la Caualleria de España, i perpetuo de Seuilla, i su tierra. Alcaide perpetuo de los Reales Alcaçares de aquella ciudad, i de sus Ataraçanas, Aguazil maior de la Casa de la Contratacion de las Indias y Correo maior dellas. Divididas en tres tomos. Lo qve se contiene en cada vno se hallará en la sexta hoja despues desta.
- Greenstein, Edward L. (2005) Jeremiah as an inspiration to the poet of Job, John Kaltner & Louis Stulman, eds., *Inspired Speech, Prophecy in the Ancient Near East*, Essays in Honor of Herbert B. Huffmon, London & New York: T&T Clark International, 98-110.
- Hütwohl, Dannu (2016) [Plato's Orpheus: The Philosophical Appropriation of Orphic Formulae](#), University of New Mexico.
- Lara, Eva & Alberto Montaner, comps. (2014) [Señales, Portentos y Demonios, La magia en la literatura y la cultura españolas del renacimiento](#), Salamanca: Sociedad de Estudios Medievales y Renacentistas.
- León, fray Luis de (1779) [Exposicion del libro de Job. Obra póstuma Del Padre Maestro Fr. Luis de Leon, De la orden de N\[uestro\] P\[adre\] S\[an\] Agustin, Cathedratico de Escritura en la Universidad de Salamanca](#). Con las licencias necesarias. En Madrid: En la Imprenta de Pedro Marin. Año de M. DCC. LXXIX.
- Li, Andrés de (1518?) Reportorio dos tempos em portugues cõ as estrelas dos signos, e com as cõdições do q for naçido em cada signo e o creçer e mingoar do dia, e das qtro copreixões e suas cõdições, e a declinaçã do sol, cõ seu Trelladado e empremido per Uale[n]tym fernãdez alemam. Seguese o regime[n] toda declinaçam do sol para per ella saber o mareãte em qual parte esta. s. aquem ou dalem da linea equinocial, a qual declinaçam he tirada puntualme[n]te del Zacuto pello horrado Gaspar nicolas mestre sufficiente nesta arte. [Lisboa].
- Lopez, Afonso, comp. (1587) [Primeira parte dos autos e comedias portuguesas Feitas por Antonio Prestes, & por Luis de Camões, & por outros Autores Portugueses, cujos nomes vão nos principios de suas obras](#). Agora nouamente juntas & emendadas nesta primeira impressão, por Afonso Lopez, moço da Capella de sua Magestade, & a sua custa. Impressas com licença & priuilegio Real. Por Andres Lobato Impressor de Liuros. Anno M. D. Lxxxvij.
- Machado, Diogo Barbosa (1752) [Bibliotheca Lusitana, Historica, Critica, e Cronologica. Na qual se comprehende a noticia dos Authores Portuguezes, e das Obras, que se compuzeraõ de/de o tempo da promulgaçaõ da Ley da Graça até o tempo prefente](#). Por Diogo Barbosa Machado Ullyssiponense Abbade Reservatario da Parochial Igreja de Santo Adriaõ de Sever, e Academico do Numero da Academia Real. Tomo III. Lisboa: Na Officina de Ignacio Rodrigues Anno de M.DCCLII. Com todas as licenças necessãrias.
- Martins, Mário Casa Nova (2011) [Mário Saa revisitado, Finis Mundi, a última cultura](#), (abr.-jun.), Antagonista editora.
- Matos, Maria Vitalina Leal de (1974) [Auto-retrato de Camões: o soneto 'O dia em que eu nasci'](#), *Colóquio letras* 19, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- McGrady, Donald (1986) [Lope, Camões y Petrarca y los primeros versos de las Soledades de Góngora](#), *Hispanic Review* 54-3, 287-296.
- McGrady, Donald (1988) ['Era no tempo alegre': Notes on Camões's Use of Petrarch](#), *Romance Quarterly*, 35-4, 443-447.
- Montaner Frutos, Alberto (2017) La cronografía táurica en Camões, Rufo y Góngora: astrología y retórica, AA.VV., [«La razón es Aurora»](#), Estudios en homenaje a la profesora Aurora Egido, Zaragoza: Institución Fernando el Católico, 375-389.
- Morujão, Isabel (2003) [«A César o que é de César»: acerca da atribuição ao padre Simão Vaz de Camões, S.J., de dois textos editados em 'A Preciosa' de soror Maria do Céu](#), *Línguas e Literaturas*, Revista da Faculdade de Letras XX-1, Porto, 297-303.
- Mota, Carlos Henrique Vólaro C. (2006) [Sob a égide de Saturno: medicina e astrologia no discurso de Manoel Gomez Galhano Lourosa](#), *'Usos do Passado' – XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ*.

- Moura, Vasco Graça (2004) Observações sobre o soneto ‘O dia em que eu nasci moura e pereça’, AA.VV., *Largo mundo alumado II*, Braga: Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho, 1059-1069.
- Paniza, Karine (2024) [23 de janeiro de 1524 - O dia que nasceu Camões](#), *Notícias Universidade de Coimbra*, 24.01.
- Pereira, Elisabete J. Santos (2010) *Mário Saa (1893-1971) Um intelectual português na sociedade do século XX*, Dissertação de mestrado em Estudos Históricos Europeus apresentada à Universidade de Évora, Évora.
- Pereira, Paulo Silva (2012) “E do ventre levado à sepultura”: Job e as variações em torno do tema da miséria humana na poesia maneirista, AA.VV. *Camões e os contemporâneos*, Braga: Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, Universidade dos Açores, Universidade Católica Portuguesa, 581-595.
- Pereira, Paulo Silva (2014) [El ‘Libro de Job’ y la cultura portuguesa de la Edad Media al Renacimiento: traducción, tradición y transgresión](#), Cesc Esteve, ed., *El texto infinito, tradición y reescritura en la Edad Media y el Renacimiento*, Salamanca: Seminario de Estudios Medievales y Renacentistas.
- Pereira Filho, Emmanuel (1974) *As rimas de Camões, (Cancioneiro de ISM & Comentários)*, Fac-símile, Lição dos manuscritos e Comentários, edição preparada e organizada por Edwaldo Cafezeiro e Ronaldo Menegaz, Rio de Janeiro, Companhia José Aguilar Editora / Brasília, Instituto Nacional do Livro.
- Petrarca, Francesco (1470) [Francisci Petrarche laureati poete Rerum vulgarium fragmenta](#), Venezia: Vindelino da Spira.
- Petrarca, Francesco (1472) [Rerum vulgarium fragmenta; Trionfi](#) [Padua: Bartholomaeus de Valdezoccho & Martinus de Septem Arboribus], [6 Nov. 1472].
- Petrarca, Francesco (1473) [Rerum vulgarium fragmenta; Trionfi](#) [Venezia: Gabriele di Pietro].
- Petrarca, Francesco (1478) [côlofon: Finiſſe il [commento deli fonetti et cançone del Petrarcha compoſto per el preſtantiſſimo oratore et poeta meſſer Franceſco Philelpho](#): Impreſſo nella inclita citta da Venezia: per Theodorum de Reynsburch et Reynaldum de nouimagio Todeſchi et compagni, nelli anni del ſignore. M.cccc.lxxviiij.adi.xxx.março.].
- Petrarca, Francesco (1513) [LI SONETTI CANZONE E TRIUMPHI DEL PETRARCHA CON LI SOI COMMENTI](#) NON SENZA GRANDISSIMA EVIGILANTIA ET SUMMA DILIGENTIA CORREPTI ET IN LA LORO PRIMARIA INTEGRITA ET ORIGINE RESTITUTI NOVITER IN LITTERA CURSIVA STUDIOSSIMAMENTE IMPRESSI. [côlofon: Finiſcono e Sonetti e Canzoni de Meſer Franceſco Petrarcha: con li ſuoi cõmenti ſtampadi per opera de Meſer Bernardino ſtagino in Venetia del meſe de Maggio. M.DXIII. regnate lincltyo Principe Leonardo Lauredano.
- Portner, I. A. (1982) A Non-Performance of ‘Il Negromante’, *Italica* 59, American Association of Teachers of Italian, 316-329.
- Ramos, Emanuel Paulo (1984) [Os textos camonianos datados de 1572 e as traduções castelhanas de 1580 d’Os Lusíadas](#), *Humanitas* 35-36, Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 149-169.
- Reeves, Eileen (2014) *Astrology and Literature*, Brendan Dooley, ed., *A companion to astrology in the Renaissance*, Leiden: Brill, 287-331.
- Rey, Sarah (2017) [Le sang dans les prodiges romains](#), AA.VV., *L’Antiquité écarlate*, Rennes: Presses universitaires de Rennes, 149-163.
- Ribeiro, Eduardo (2025) [Os 460 anos \(1564-2024\) do estanciamiento do Poeta em Macau](#), Felipe de Saavedra, ed., *Atas do I Congresso Internacional do Meio Milénio de Camões*, Macau 24-25 de fevereiro de 2024, Macau: Rede Camões na Ásia & África, 57-69.
- Ribeiro, Luís Campos (2023) *Jesuit astrology: prognostication and science in early modern culture*, Leiden, Boston: Brill.
- Rodrigues, Félix (2017) A astronomia na obra de Camões, *Boletim do Instituto Histórico da Ilha Terceira*, vol. LXXV, 211-233.
- Rutkin, H Darrel (2019) *Sapientia Astrologica: Astrology, Magic and Natural Knowledge, ca. 1250-1800*; I. Medieval Structures (1250-1500): Conceptual, Institutional, Socio-Political, Theologico-Religious and Cultural, Cham: Springer.
- Saa, Mario (1921) [Poemas heroicos de Simão Vaz de Camões, Da mesma geração de Luiz Vaz de Camões, cantor dos «Lusíadas», recentemente encontrados por Mario Saa](#), Lisboa, Porto, Coimbra: Lumen, Empresa Internacional Editora.
- Saa, Mario (1922) *Camões no Maranhão*, Lisboa, Porto, Coimbra: Lumen, Empresa Internacional Editora.
- Saa, Mário (1924) [Táboa genealógica da varonía Vaz de Camões](#), 1 folha.
- Saa, Mário (1941) *As memórias astrológicas de Camões e nascimento do Poeta em 23 de Janeiro de 1524*, [1940] Lisboa: Empresa Nacional de Publicidade || (1978) [2ª edição](#), Lisboa: Edições do Templo, col. «Portugal misterioso».
- Saavedra, Felipe de (2025) [La oda “Fora conveniente” de Luís de Camões](#), *Janus. Estudios sobre el Siglo de Oro* 14, 1-37.
- Silva, Vítor Aguiar e (1999) Inquirições sobre o soneto ‘O dia em que eu nasci moura e pereça’, *Camões: labirintos e fascínios*, Lisboa: Cotovia, 191-207.
- Silva, Vítor Manuel Pires de Aguiar e (1971) *Maneirismo e barroco na poesia lírica portuguesa*, Coimbra: Centro de Estudos Românicos.

- Simões, Carlota (2007) [O primeiro aniversário de Camões](#), *De rerum natura*, 08.06.
- Simões, Carlota (2018) [The Astrological Chart of the Coronation of King Sebastião of Portugal](#), *Culture and Cosmos* 22-2, 17-32.
- Simões, Carlota (2024a) [O dia do nascimento de Camões](#), *Humanitas* 84, Instituto de Estudos Clássicos da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Coimbra, 101-120.
- Simões, Carlota (2024b) [Entrevista à Professora Carlota Simões da UC](#).
- Simões, Carlota (2025) [Webinar – Ler Camões: "O dia em que nasci..."](#).
- Sorokina, Maria (2021) *Les sphères, les astres et les théologiens, L'influence céleste entre science et foi dans les commentaires des 'Sentences' (v. 1220 - v. 1340)*, Vol. 1 : Une influence ordinaire, s/l: Brepols.
- Soropita, Fernão Rodrigues Lobo (2007) *Obra poética e em prosa* [ed. de Maria Luísa Linhares de Deus], Porto: Campo das Letras.
- Storck, Wilhelm (1898) [Vida e Obras de Luis de Camões, Primeira parte](#), Versão do original alemão anotada por Carolina Michaëlis de Vasconcellos, Lisboa: Por ordem e na Typographia da Academia Real das Sciencias [no frontispício consta 1897, em 747:1898] || (1980) ed. facsímil, Imprensa Nacional–Casa da Moeda.
- Tatlock, John Strong Perry (1914) [Some Mediaeval Cases of Blood-Rain](#), *Classical Philology*, The University of Chicago Press, 9-4, 442-447.
- Tocco, Valeria (2011) Lusíadas (Os): tradição manuscrita, AAVV., *Dicionário de Luís de Camões*, Alfragide: Editorial Caminho, 524-529.
- Trento, Padres conciliares de (1564) [Index librorum prohibitorum, cum Regulis confectis per patres a Tridentina Synodo delectos](#), auctoritate Sanctiss[imi] D[omini] N[ostri] Pii IIII, Pontific[is] Maxim[i] comprobatus. Romae, Apud Paulum Manutium, Aldi Filium, M D LXIII. In aedibus populi Romani.
- Ventura, Augusta Faria Gersão (1941a) *Para entendimento duma ode de Camões*, Lisboa: União Gráfica.
- Ventura, Augusta Faria Gersão (1941b) *Elementos astronómicos das obras de Gil Vicente e de Camões*, Lisboa: União Gráfica.
- Vicente, Gil (1562) [Copilacam de todas obras de Gil Vicente, a qual se reparte em cinco livros](#). O primeyro he de todas fuas coufas de deuaçam. O segundo as comedias. O terceyro as tragicomedias. No quarto as farfas. No quinto as obras meudas. ¶ Empremiose em a muy noble & sempre leal cidade de Lixboa em casa de Ioam Aluarez impressor delRey noſſo ſenhor. Anno de M. D. LXII. ¶ Foy vilto polos deputados da ſancta Inquiſiçam. Com privilegio real.
- Vulgata (1544) [Biblia Sacroſancta Teſtamenti Veteris & Noui](#), iuxta vulgatam quam dicunt æditionem, à mendis quibus innumeris ſcatebat, ad priscorum

probatifsimorumque exemplariorum normam, ſumma cura parique fide repurgata acreſtituta. Interpretatio nominum Hebraicorum. Index Epiftolarum & Euangeliorum totius anni. Index prætera rerum & ſententiarum quæ in iſdem Biblijs continentur. His acceſſerunt rerum præcipuarum Icones ſumma arte & fide expreſſi. Singula quoque capita perbreuibus Argumentis, atque locorum Scripturarum concordantijs, laboribus non æſtimandis illuſtrauimus. Lugduni, Apud Hugonem & hæredes Aemonis à Porta. 1544.

CRÉDITOS

- Tabelas astronómicas na p. 42: Andreas Möller.
- Manuscrito com o soneto de Camões na p. 46: Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

AGRADECIMENTO

- A Maria do Céu Fraga, pela valiosa ajuda bibliográfica.

NOTA EDITORIAL

- A comunicação apresentada por Felipe de Saavedra ao I Congresso do Meio Milénio de Camões em Macau teve por título e por tópico ‘Redescobrimo as odes de Camões’. Este texto seria publicado em setembro de 2024 como ‘O mundo das odes de Camões’, na obra *Aquileida, a Trilogia de Aquiles, e mais onze odes de Luís de Camões: nova edição integral e ilustrada*, Macau: Rede Camões na Ásia & África (Camões 2024:11-31).
- O Autor optou por contribuir para estas *Atas* com uma versão aprofundada e ampliada de uma matéria que já tinha sido a florada de forma sucinta em três artigos do jornal de Macau *Ponto final*, no ano de 2024. Tinham por título ‘Efemérides camonianas’, e por subtítulos ‘I - A possível data do nascimento de Camões’, 02.04, 4; ‘II - Ainda a data de nascimento de Camões’, 06.06, 3; e ‘III - O soneto sobre o dia do nascimento de Camões’, 07.06, 13.
- A presente versão acolhe alterações feitas em 23.07.2025.

Saavedra, Felipe de (2025) A poesia e os astros em Camões, in Felipe de Saavedra, ed., *Atas do I Congresso Internacional do Meio Milénio de Camões, Macau 24-25 de fevereiro de 2024*, Macau: Rede Camões na Ásia & África, 31-56. ISBN: 978-989-35669-3-0